

ASSIGNATURAS  
 ANNO .. . . . 20\$000  
 SEMESTRE .. . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 17 DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIVPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

O honrado presidente da Republica mandou communicar aos engrossadores de todos os feitos e procedencias que, até á abertura das Camaras, não receberia mais pela manhã.

Essa deliberação merece os mais calorosos e sinceros applausos; porque revela o intuito de isolar o chefe da nação do parasitismo, freguez matinal do andar terreo do palacio do Cattete, onde váe dar um ar da sua graça por servilismo encruado, ou para fazer acto de exhibição da intimidade com o governo.

A grande maioria desses visitantes matinaes não representam interesses de valia, nem são portadores de informações, de negocios importantes, que mereçam ser conhecidos pelo presidente, ou reclamem a sua esclarecida attenção ou justifiquem dispendio do seu precioso tempo, consagrado aos serios, aos transcendentos problemas da direcção do Estado.

Dessa chusma de visitantes, uns vão ao Cattete com informações falsas acerca das violencias, dos desmandos perpetrados pelos grãos-duques da politica dos governadores; outros levam, hypocritamente, queixas, muito graves, contra funcionarios federaes que estão *creando difficuldades*, isto é, contra homens de brio, que se não submettem passivamente á tyrannia dos régulos estadoaes. A's vezes, esse funcionario, perigoso para a politica dos governadores, é um pobre amanuense do correio, ou um telegraphista, muito compenetrado do dever de manter inviolavel o segredo da correspondencia dos adversarios; é um modesto funcionario fiscal sufficientemente ousado para lançar impostos sobre os proceres ou os apaniguados dos mandachuvas; é, finalmente um simples, um obscuro chefe de linha telegraphica, cujo salario, é cobiçado por um afilhado, sem meio de vida.

Ninguem melhor que s. ex. conhece os fins dessas frequentes visitas banaes, determinadas pelos pretextos mais futeis, mais baixos e mais mesquinhos, quando não significam mais que um innocente movimento de ternura pela preciosa saúde de s. ex., ou uma repetição do fervoroso apoio cego, da explosiva dedicação incondicional aos pensamentos, palavras e obras do governo.

Esses ultimos pôdem ser classificados engrossadores mansos, que adquiriram o habito de se conchegarem, diariamente ao lar, donde irradiá o calor benefico, o centro da vida de tudo quanto existe debaixo do céu magnifico e sobre a ubertosa terra do cruzeiro rutilante.

Ha, ainda, uma perigosa especie de frequentadores: os encarregados, por gosto, vocação e principios, das insinuações perversas, os individuos desinteressados, amigos fieis da augusta pessoa de s. ex, os ingenuos vehiculos da intriga, da calumnia insidiosa, os porta-vôzes dos boatos, os echos vivos da suspeita, canalizando todos para as altas regiões o filête ignobil da lia, dos residuos da protervia em delações sollicitas, murmuradas a medo, á pureza, como sinistros avisos dictados pelo mais accendrado e espontaneo amor ás instituições e á ordem publica.

Além desses intuitos subalternos, esses freguezes do Cattete miram o ineffavel gozo de lerem os seus nomes nos jornaes, de os verem transmittidos pelo telegrapho á imprensa dos Estados, que reproduz a noticia importante, sensacional, de ter o eminente chefe Fulano, conferenciado com s. ex. o presidente da Republica. Essas noticias, com os competentes adjectivos, constituem uma permanente consolidação de prestigio.

Cerrando as portas do Cattete, s. ex. lucra, pelo menos, dispôr de tempo para cuidar dos negocios publicos, e se preservar do contagio perigoso daquelles exploradores da notoriedade,

satellites imponderaveis, destacando-se, como pontos negros na photosphera do radiante planeta em translação quatriennial pelo firmamento do poder.

\* \*

No regimen presidencial, como sob as instituições monarchicas deve se manter uma zona neutra, delimitada pela intransponivel orbita de respeito, o supremo depositario da augusta magistratura nacional, para se isentar de frequentes, de intimos contactos familiares, que, quasi sempre, transformam o throno dos reis ou a cadeira dos presidentes em fóco de *cotteries* dissolventes.

O Marechal de Ferro, numa quadra anormal de temerosa crise, tirou os ferrolhos ás portas do Itamaraty e franqueou acesso á onda demagogica, que ia lambe-lhe os pés quando procuravam, ao despertar dos breves somnos, os deliciosos chinellos. Toda a gente, os representantes de todas as exaltações, como os portadores dos conselhos criteriosos, os delatores de todos os matizes e de todos os sexos, os patriotas de todas as temperaturas, eram intimos do palacio: penetravam por todos os cantos; entravam pela frente, pelas escadas escusas do serviço domestico; farejavam a sala de jantar; e, não raro, se viam, como se estivessem na casa do sogro, em permanente cohabitação com o chefe da nação, até na sala reservada ao despacho com os ministros, intervindo nas deliberações sobre os graves assumptos da politica, da defeza do governo.

Parecia que a democracia devesse ser aquillo, aquella promiscuidade irreverente, em assedio constante ao chefe supremo em trages menores, com o palitósinho de alpaca, pregado ao pescoço por um alfinete para desfarçar a ausencia da camisa.

Passada aquella crise, o acesso ao palacio entrou para o protocollo; foi

reduzido aos politicos incontentaveis, aos deputados, aos senadores, subordinados ao habito de apalparem a opinião do presidente, antes de darem conscienciosamente os seus votos. Em compensação, foi esmorecendo a praxe das audiencias publicas, até passar a ser uma das attribuições do secretario.

E ao passo que o presidente vive asphyxiado, monopolizado pela politicagem, embiocado na aspera investidura, como num cilicio, as suas relações sociaes são quasi nullas, tão reduzidas, que a familia do eminente cidadão parece exilada na desolação do pincaro do poder, privada das diversões saudaveis, e do affectuoso conforto da amizade carinhosa.

E' natural que, extenuado pelas exigencias dos amigos, o espirito conturbado pelas futilidades, consumido todo o seu tempo numa roda viva de injuncções intemperantes, de manifestações de excessiva fidelidade, de dedicação incondicional, o presidente se refugie moído, torturado, no recesso tranquillo do seu lar querido, incapaz de meditar, de trabalhar, de formar criterio seguro sobre os multiplos, os infinitos negocios dependentes da sua deliberação.

Era edificante a attitnde de Prudente de Moraes, sorridente de allivio, contando, no meio dos amigos sinceros, não voltados ainda para o sol que nascia, os dias, as horas, os minutos da libertação proxima: era um paciente de constrangimento legal esperando a hora do *habeas-corpus*.

\* \* \*

O presidente da Republica, como homem incumbido de coisas transcendentales, precisa de liberdade de movimentos, de tranquillidade de espirito, de conciliar os seus habitos de homem com a função do alto cargo. Para se informar dos negocios publicos bastam os ministros, os presidentes das duas Camaras e os relatores das respectivas commissões, excluidas, como medida hygienica, as confabulações com a chusma de deputados, de senadores, pedintes impertinentes, que nenhum concurso util levam ao apparelho governamental, verdadeiros piólhos de baleia, que lhe sugam a seiva e, afinal, perturbam ou inutilizam os movimentos ao monstro.

As opiniões, as idéas do presidente, sobre os graves negocios da administração e da politica, em vez de cochixados na torturante intimidade, devem ser transmittidos aos representantes dos outros poderes constitucionaes, ao povo, em mensagens, como convem ás democracias que vivem ás claras.

Tomemos como modelo as praxes norte americanas; não exigindo, todavia, que o nosso pachorrento presidente desenvolva a estupenda actividade do seu collega Roosevelt, cujo tempo chega, bem aproveitado, para redigir frequentes mensagens, verdadeiros primores de eloquencia civica, para fazer discursos nos clubs politicos, para domar pôtros, para excursões venatorias e outros sandaveis generos de *sport*, para escrever livros admiraveis, para governar, com inextinguivel brilho, o maior e o mais complicado paiz do mundo, em vertiginosa marcha para as conquistas das supremas aspirações humanas.

Se o bravo commandante dos *rough-riders*, na campanha de Cuba, recebesse, todas as manhãs, deputados, senadores e a terrivel corja de *politicians*, se abrisse as portas da Casa Branca ao accesso diario dos pretendentes, se fôsse obrigado a receber visitas officiaes de agradecimento dos funcionarios, dos officiaes promovidos, ou de despedida dos removidos, ou incumbidos de commissões fóra da séde do governo, não teria tempo para nada; amolleceria victimado pela neurasthenia do engrossamento, e seria forçado a consagrar ao somno reparador os seus breves intervallos de liberdade.

Não aconselharemos ao honrado presidente brasileiro as cavallarias altas, nem os prodigios de actividade do extraordinario Roosevelt; mas que adaptasse aos nossos costumes as praxes de administração, o regimen da Casa Branca, de tão incontestaveis vantagens. S. ex. lograria libertar-se de canseiras, poupar tempo e conservar limpo o seu palacio.

A ultima medida de isolamento sanitario é digna de applausos: é pena que não seja definitiva.

POJUCAN.

Já a chronica de Pojucan estava em composição de prélo, quando a *Gazeta*

*de Noticias*, numa entrevista que teve um seu amigo com o sr. Campos Salles, publicou as seguintes palavras do ex-presidente, que illustram, superiormente, algumas considerações do nosso chronista, a respeito do mal empregado tempo a que é forçado o chefe do Estado, em attenção aos nossos interessantes politicos:

«Acho que não ha um só homem de consciencia que, tendo experimentado as responsabilidades daquelle posto, tome a iniciativa de promover a sua volta para lá. Cada um, quando muito, poderá imaginar a hypothese de que outros o façam, e talvez haja circumstancias em que a gente não se considere com o direito de suppôr que os outros não têm razão e a gente deve ser obstinado. Mas a verdade é que não ha nada que alli seduza, a não ser a satisfação de servir á patria. Esse prazer, porém, é a troca de todo o gozo da vida privada. Um homem passa a ser escravo: de manhã á noite, o tempo lhe é tomado pelos outros, nem sempre em coisas uteis; e tem de submeter-se ás praxes e aos habitos inveterados das relações entre os homens do governo e os homens politicos ou envolvidos, de qualquer modo, na vida publica. Todos entendem que o presidente não se pôde negar; não resta tempo para a familia, porque até o seu convivio é partilhado pelas pessoas mais intimas, que não o deixam e não fallam sinão de politica e assumptos publicos. O palacio converte-se numa prisão; o presidente não sáe sinão em desempenho do cargo, e até o que parece diversão, como um theatro, uma festa, uma vez por outra, é também serviço, porque elle váe alli para ser visto, para dar character ao acto e quasi que não se pôde absorver nas idéas que o circumdam.»

## O SENTIMENTO TRAGICO NO SECULO XIX

§ 5º

Cada poeta reflecte o mundo segundo o seu temperamento. O homem de natureza lyrica ou pastoril, ainda afogado no movimento de uma grande cidade, tingindo a vida ambiente com as côres do campo, transformará os rumores das ruas e dos cafés em sons longinquos de sanfonas e de gaitas de zagaes. As imaginações paradoxaes farão do drama intimo, da realidade

domestica e do debate social, o mesmo que o espelho concavo ou concavo faz da figura humana, — truncará os corpos e caracteres. As condições da existencia serão alteradas para representarem a vida como um espectáculo de figuras monstruosas. Os personagens, nesse theatro grotesco, parecerão chorar, quando riem, parecerão rir, quando choram.

O sentimento tragico, porém, retrata o mundo com aquella gravidade que Aristoteles exigia se desse por característica da obra d'arte, — a obra do vate por excellencia. Ora, o vate não ri, não chora, não trunca a natureza. Sincero interprete das paixões, que são os motores da vida humana, o poeta, o escriptor cuidam unicamente de estabelecer um nexu fulgurante entre os factos, postos em scena, em verso sonoro ou em prosa expressiva, e a imaginação do espectador, do leitor, que elle, pelo relevo da phrase, subleva da apathia vulgar até á fascinação do sublime.

Esse sublime, como por mais de uma vez tenho affirmado, — é inseparavel das grandes commoções politicas.

Tal qual succedem a Eschylo, ao Dante, a Shakespeare; o russo Dostoiewsky foi tambem arrancado da indifferença artistica pelo terrivel espectáculo do nihilismo que devastava a sua terra.

Raskolnikof é um novo Hamlet, saído, porém, da classe infima. Convulsiona-o o crime, atordôa-o a philosophia do seculo, subleva-o o mysticismo politico, angustia-o o problema da responsabilidade; e a vida desse personagem discorre através de dois volumes de torturas mentaes, sem que se saiba quem é o verdadeiro heroe — isto é, o culpado desse poema infernal, si o homem, si a philosophia, ou si a sociedade russa.

As figuras, que se agitam nas paginas d'*Os possessos*, são ainda mais terriveis do que essa grilheta da preocupação, da responsabilidade moral. A alma da sociedade russa treme sob o estilete do analysta genial. A sensação do irreparavel na vida humana, quando os sentimentos e as acções se desencadeiam, tangidas pelo latego da injustiça, anima o quadro que o romancista descreve no meio de clarões espectraes. E quando o espectador ou o leitor se recolhe em si, julga, é verdade, ter atravessado um pezadelo; mas, por certo, as figuras humanas, que viu alumiadas por aquelle clarão sinistro, fixam-se-lhes na retina para sempre. Depois de vistas assim, é já impossivel fazel-as voltar á opacidade antiga.

O mujick tem a tragedia dentro do proprio coração. Si essa tragedia passa da alma do mujick para a do burguez ou mesmo para a do filho do

boiardo perturbado pelo veneno occidental, a violencia da *psyché* recrudescer e explode. Surgem, então, estranhos personagens: Schatoff, Verkhovensky, Kirilof, Stavrogine.

A convulsão, deante da sphinge da autocracia, é sempre a mesma. Toda essa alluviação de desesperados, de furiosos, jura nas palavras de Raskolnikof:

«O homem extraordinario tem o direito, não oficialmente, mas *ex-proprio Marte*, de auctorisar a propria consciencia a transpôr obstaculos, desde que se convença da necessidade da applicação de uma idéa. Deste modo, si as invenções de Keppler e de Newton, em virtude de determinadas combinações, não pudessem apparecer sinão mediante o sacrificio de um, de dez, de cem ou de um numero maior de vidas, que se oppuzessem a taes descobertas, Newton teria o direito, direi mais, teria a obrigação de *supprimir* estas dez, estas cem pessoas, afim de que as suas descobertas pudessem ser colhidas da humanidade.»

A tragedia russa reside inteira na intensidade com que essa idéa sinistra penetra na alma do povo e quicá na das classes que cercam a ferocidade moscovita, encarnada em S. Peterburgo no vulto do czar.

A illustração serve, apenas, para incutir-lhes no espirito o antegosto da demolição. Os typos que se lhes apresentam são os de Lycurgo, de Mahomet, de Napoleão; e não ha mujick, familiarisado com as leituras de romances, e a quem tenham recitado as lendas destes homens, que se não julgue digno de emparelhal-os na soberana desenvoltura do character

— Todos os legisladores, dizem elles, todos os genios da humanidade, sem exceptuar um só, téem sido grandes criminosos. Todos elles, impondo leis novas, calcaram aos pés as leis antigas, — as leis que eram religiosamente observadas pela sociedade e oriundas dos antepassados. E taes bemfeitores da humanidade nunca encontraram repugnancia em diffundir o sangue dos outros, desde que os *outros* oppunham obstaculos á sua obra. Si tal é a verdade: si são criminosos egualmente todos os que saem da rotina, venham de cima ou venham de baixo; si não ha outro caminho a seguir, sinão o apontado, força é que aquelle que tem alguma coisa de novo para dizer aos povos, o diga, custe o que custar, esteja onde estiver, seja Alexandre, seja o infimo dos mujicks.

Permanecer, suplantado na trilha, que o carroção da sociedade vae abrindo através dos steppes da historia, é o que não se deve admittir. A alma livre, insurrecta, tem por dever não consentir na continuação dessa triste realidade.

E ahi tem o abysmo de dores, tragicamente infernaes, de onde o auctor da *Memoria da casa dos mortos* extraiu o seu drama pungentissimo: — a vida obscura e subterranea do homem que passa na rua coberto de andrajos.

Em todas as paginas de seus romances, relampeja o raio do knut, que não é só o vulgar chicote chumbado, que o cossaco sacode tangendo as multidões; mas, antes de tudo, significa a crueldade do tartaro exercida sobre a resignação christã da plebe submissa, quando a auctoridade presente nessa resignação um raio de luz occidental.

A obra de Dostoiewsky accentua-se ainda mais pela pintura, talvez inconsciente, do encontro definitivo das duas forças que, desde o seculo XVIII, trabalham a humanidade: o instincto de organização politica e a aspiração individual para a felicidade.

Por isso, affirmei que o grande escriptor russo antecipava a esthetica do seculo XX.

Em obra nenhuma, com effeito, o problema da responsabilidade moral se apresenta com côres tão tremendas.

Desta emoção profunda, nasce todo o modernismo em litteratura. A fórma ha de inspirar-se nella sob pena de ficar aquem do intuito esthetico. Empallescida pela preocupação da minucia de coisas reaes mal observadas, a fórma petrificar-se-á em gestos grotescos de um sublime, cuja expressão se não chegou a descobrir. O artista terá de contrair o habito da sensação superaguda, da hallucinação gerada pelo sub consciente, si quizer ser um artista como se comprehende hoje.

«A energia

Do discurso e da phrase não consiste No feitio das vózes, mas na força.» (1)

Esta força, que os classicos, da epocha de Garção, definiram, mas nunca praticaram, foi o desespero de muitos escriptores do seculo XIX, que se propuzeram a estylistas.

Não me refiro aqui aos maniacos rendilheiros de phrases, nem aos catadores de vocabulos cabalisticos. Alludo apenas aos artistas que buscavam, com furor, uma alma para o discurso, e se esgrimiam no intento de realisar por meio della uma comunicação entre a sua e a imaginação do leitor.

Alguns destes, na lucta com o meio prosaico, que os cercava, chegaram até ao sacrificio da propria saúde mental. Outros envenenaram o espirito nessa lucta e cuidaram ter encontrado na satyra lapidar a expressão, que o sentimento da tragedia humana lhes negava.

H. Heine é um exemplo frisante dos ultimos.

Coleridge quasi ensandeceu, tentando fazer passar para o seu estylo, os bulções que a philosophia e a ob-

servação da vida lhe desencadeavam na alma.

« — Brillhantes ilhas, encantadas e perfumosas! ilhas incendiadas de sol e bemditas de luz, ilhas da intelligencia!» dizia Carlyle, referindo-se aos raptos da sua imaginação. «Vi-as, mais de uma vez, saír da cerração, mas, infelizmente, para sepultarem-se logo nos abysmos circundantes.» (2)

A estes genios faltou a serenidade do espirito tragico.

Os idéalistas fatigaram-se mortificando o individuo no presupposto de uma classe de incomprehendidos. Racionalistas ou scepticos, como Bolingbroke, afogaram o tragico da existencia na ironia.

Os realistas afogaram a sociedade no determinismo absoluto do mal.

Quer uns, quer outros concorreram para lançar sobre o mundo christão essa atmospheria de pessimismo que paralysa a acção e retira ao sentimento do heroismo, as suas virtudes salutaes.

ARARIPE JUNIOR

(Continúa)

(1) Garção; *Obras. Satyra II.*

(2) Carlyle; *The life of John Sterling.*

### ESSE ANNEL!

Esse annel! Esse annel electrico do dr. Flanfler, annunciado por todos os jornaes, apregoado por todas as bocas, brilhando em dedos nervosos de almas castas, curando todos os males secretos e secretas intenções malevolas, não é mais um annel, é uma instituição na Republica!

Não ha por ahi escriptor bisonho, poeta caipora, homem de Estado sem sorte que, do fundo da sua intangível elevação, em momentos de apertos e de trabalho, á cata de um adjectivo revelador, de uma rima esquivia ou de uma rendosa negociata politica, os olhos supplices para Deus voltados, não os baixe, supersticiosos e esperançados, ao annel benefico. E não é só dizer que este consolo piedoso envolva apenas estas trez entidades distinctas (sem nenhuma verdadeira) distribuindo saúde e infiltrando socego. Não! Esse annel, na sua baratissima simplicidade, ampara desde a mais alta e inebriante dama até o mais pobre operario.

Ha por ahi dama preguiçadoramente molle, palpebras caídas, corpo esteril e cheiroso? Ha por ahi operario descontente e anarchico, querendo tudo destruir sem nada levantar? Esse annel cura, sem espalhafato, sem receitauario, sem visitas medicas. Cura com singeleza e amor, sem dôres, despretenciosamente, sem palavreado. Encostadinho e em volta

do anular, quieto, carinhoso, honradamente, esse annel váe melhorando os achaques nervosos e a desdita humana.

Ha por ahi marido colerico e intratavel? Mulher desabusada, de mão na cinturinha impicante e de beijo estirado? Esse annel refreia o impeto brutal e esmorece a irascivel postura.

Está porque esse annel é uma instituição fecunda!

\* \* \*

Dantes, mal o primeiro vagido soltára o recém-nascido, com os seus olhos ainda castos e fechados ás torpezas e mesquinharías do mundo, sem o perceber, sem o ter palpado e sentido, sem ser parte delle, já o *bentinho* com a effigie de Nossa Senhora lentejoulada na seda reluzente e nova, lhe pendia do pescoço novo, numa corrente de ouro fino, cuidadosamente guardada de geração em geração para esse dia de sobresalto e ventura.

Mal despertára elle ainda, no seu estado de salutar rudeza, entre os affectos paternos e os beijos amigos, e, logo, com a fôfa verdade da crença, o *taco de pilão roubado*, ronbado com astucia e silencio, e o *dente de cachorro*, lhe enfeitavam o corpo nú e puro, unctando-lhe felicidade e doçura e livrando-o do veneno dos máus olhados.

Já pela casa, festiva agóra, o alvo-roço das visitas regosijadoras e anciantes pelo *vinho do menino*, principiára, prompto e sarado á traição dos ventos malignos e dos olhos invejosos estava aquelle corpinho innocente! E não havia inveja nem olhos máus que o quebranto lhe deixasse, pois que lá estava a velar, com misericórdia divina, a divina misericórdia de Deus e da Mulher...

Naquelle tempo descuidado de tristeza e amor de obediencia e respeito, como consolavam os simples e os honestos (a maior deshonestidade que se conhecia, então, era a deshonestidade salvadora e multiplicadora de nossa Mãe Eva!) como consolavam esses amavios celestes, poderosos contra a maldade, contra a lascivia, contra as tentações, contra os transviados! Sim, contra os transviados, contra a lascivia, contra a maldade, porque apezar de toda a vigilancia da Fina Flôr dos Céos, existiam desses espiritos perversos atirados assim, desbriosamente, por experiencia, para que se aquilatassem as virtudes sinceras.

Hoje a civilisação, esta palavra tão magra, sibillante e emphatica a principio e tão gorda, retumbante e ferina ao fim, váe estragando todo o encanto daquellas deleitosas éras! Não é mais o fumo suffocante das palmas enfeitoadas ganhas nos Domingos de Ramos, irmãos meus, nem o dente respeitavel do nosso primeiro amigo, com

tanto affago e susto domesticado por nossa peccadora mãe, nem o taco do pilão roubado, com toda a sua dignidade de madeira augusta e serviçal, que nos livrarão dos assaltos repentinos de olhos canalhas e maliciosos, de labios pedintes e seccos, de seios palpitantes e suspirosos, dos microbios e das vaccinas. Não! E' o annel, a mais infima das descobertas, o mais degradante dos ornamentos, o annel, o mais torpe dos objectos de luxo, o mais imbecil dos enfeites, esse illustre annel do dr. Flanfler!

E dizer que houve tempo em que só o bentinho recebido das mãos finas e perfumadas dos ministros de Deus, o dente de cachorro ou o taco do pilão roubado, salpicados da santa agua do baptismo eram os fortes remedios dos males humanos! E dizer que todos nós, homens loucos, homens sensatos, moças alegres, respeitaveis matronas, estamos aqui, estamos precisando desse annel do dr. Flanfler!...

FRANCISCO SERRA.

### REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

DO ESTABELECIMENTO AO SEGUNDO CHACO

Houve grande numero de feridos, cuja sorte não era digna de inveja. Os que podiam andar, seguiam pela estrada até encontrarem um dos navios da esquadra, onde se abrigavam; os outros, que tinham as pernas quebradas ou ferimentos de muita gravidade, eram transportados em capotes e mantas, servindo de redes ou em padiolas, alli mesmo improvisadas com varas e cipós. Estas cabiam, de preferencia, aos officiaes.

Os navios os levavam á lagôa Cierva, onde eram baldeados para lanchões, que os desembarcavam em terra. Dalli, carrêtas, ambulancias e galéras de artilharia os conduziam ao hospital em Parecuê. Aquella gente era forte, tinha a vida dura, mas não raros morriam nessas travessias.

Nos hospitaes havia, tambem, perigos e alguns bastante serios. A maior parte dos nossos medicos eram habéis e caridosos, mas havia um ou outro que causava arrepios aos nossos pobres camaradas. Um delles, não penssem que é phantasia, não, não é, estava uma vez de *dia* — e foi chamado por um enfermeiro para soccorrer um ferido.

Acercou-se do infeliz, que tinha o ventre aberto e os intestinos de fóra, palpitantes. Deixou o cigarro cheio de sarro, na *barra ensanguentada*, e, sem lavar as mãos, tentou de balde reduzir a hernia, rebelde e obstinada. Desanimado, abriu uma caixa de amputação, tirou uma faca fina,

longa, meio enferrujada; agarrou com a mão esquerda o intestino mais saliente; com a faca ameaçadora na direita, olhou para o enfermeiro, que fitava, espantado, aquella scena e perguntou-lhe: *Córto?*

O soldado respondeu: *Não, sr. doutor.*

— *Então arranja-te* — disse o cirurgião, e retirou-se.

O enfermeiro, mais pratico do que elle, introduziu os intestinos e coseu o ventre do infeliz.

Parece fabula, mas é a verdade com toda a sua nudez.

Esse cirurgião não era, felizmente, doutor em medicina. Reprovado no segundo ou terceiro anno, não me lembro bem, fez-se embarcação; depois, assentou praça do Corpo Fixo da Bahia. Teve baixa antes da guerra e voltou á Faculdade, alistando-se entre aquella briosa e benemerita pleiade de estudantes, que tanto ennobreceram a medicina patria.

Si os corpos dos soldados feridos corriam grandes riscos, não ficavam as suas almas, crentes e religiosas, livres dos temores das eternas penas. Os cirurgiões, ignorantes e sem alma, tinham os seus *homologos*, nos capellães militares. No meio dos abnegados sacerdotes que se chamaram Fidelis, Salvador, Seraphim e outros, verdadeiros discipulos de Christo, pela caridade evangelica, pela bondade sem limites e pelo valor, que dá a fé profunda, appareciam alguns, felizmente poucos, representando o que a humanidade pôde produzir de mais abjecto. Havia um, não lhe direi o nome porque todo o exercito o conheceu e delle se lembra com desgosto, que, si era chamado alta noite para dar a extrema uncção a um pobre filho do sertão, cheio de amor ao seu Deus e de fé na outra vida, em vez de palavras amigas de conforto para a derradeira viagem, lançava possêso e iracundo maldições como esta: *Váe para as profundas dos infernos. Estava dormindo tão bem e este diabo agóra é que se lembron de morrer.*

Esse padre morreu tambem depois da guerra no posto de capitão ou major, deixando memoria execrada.

Os pobres soldados, pobres amigos, rodeados de tantos perigos, passavam a vida asperrima, sorrindo e cantando, cheios de ardor nos combates e de fé, cada vez mais viva, no seu Deus de amor e de infinita misericordia.

No dia 3, seguimos pela picada, que continuava costeando o Paraguay, que corria á nossa esquerda. Marchavamos na mesma direcção do grande rio. Ouvimos dizer que nos iamos reunir a uma força argentina mais abaixo.

De um e outro lado, erguia-se a muralha verde da matta e, através dos cimos frondosos, appareciam nesgas

azuladas do céu. Flanqueavam-nos pela direita alguns soldados, para nos prevenirem de uma surpresa. A esquerda, corria o rio bem proximo. Depois de algum tempo, não me recordo bem, chegámos a um ponto, onde a estrada se bifurcava, seguindo um ramal para o interior. Logo adiante, encontrámos, estendido morto com um largo ferimento no peito, um soldado argentino.

A sua bayoneta e a espingarda tinham desaparecido. Lembro-me bem; a sua physionomia, apesar da inchação, era sympathica; aquelle bravo parecia ter morrido sem odio. De sentinella, bem perto do seu rosto, estava um cãosinho, que não se afastou, nem ladrou quando passámos. Os soldados o chamaram, mas elle ficou na mesma attitudo melancolica. Era um exemplo de amor o daquelle irracional aos guerreiros triumphantes na vespera, que continuavam na sua faina de morte. Ninguém perturbou aquella ultima vigilia da amizade.

Mais tarde, fizemos alto para acampar.

Já estavam no logar outras forças, e a derrubada havia ameaçado.

O Dezeseis ensarilhou armas no alto da barranca do rio e espalhou-se pela matta, preparando o acampamento. Em pouco tempo, estava tudo limpo e as barracas armadas. O distincto capitão de estado-maior Julio Frota dirigia as obras de fortificação, onde trabalhavam fachinas dos corpos da columna, cujo commando havia assumido o general argentino Ribas, um dos chefes mais bravos do exercito alliado.

Outras fachinas descortinavam, a machado, foice e facão, a matta da frente, que mascarava as trincheiras.

Era provavel que os inimigos nos quizessem desalojar daquella excellente posição do Anday: assim se chamava o nosso acampamento.

A nossa permanencia era a quèda inevitavel de Humaytá, onde o Lopez ainda conservava respeitavel guarnição.

No dia 4, desde o amanhecer, continuaram em vigor a limpeza da frente e as obras de circumvallação do nosso campo, bastante extenso, pois era occupado por uma divisão. O terreno dentro do vasto recinto não ficou inteiramente descoberto. Muitas arvores, das mais magestosas, fôram poupadas. Os brasileiros occupavam as trincheiras voltadas para o Timbó—e o interior do chaco; os argentinos olhavam para Humaytá.

Os batalhões acamparam em columna de companhia. Os officiaes á esquerda e o estado-maior á direita na barranca do rio. A barraca do Tiburcio estava bem no alto.

Desde que chegámos, fôram postadas linhas avançadas cobrindo as nossas

forças. A longa pratica nos tinha aperfeiçoado nesse serviço. O fôso era largo e pouco profundo ainda. Um estreito caminho entre elle e a barranca dava passagem para fóra do recinto.

A tarde, o sol ainda alto, ouvimos um tiroteio na linha. Corremos ás armas e guarnecemos rapidos as nossas trincheiras. As avançadas retiravam a marche marche, e as fachinas, que cavavam o fôso e derrubavam a matta, entravam ennovelladas com ellas. Os paraguayos surgiram na orla da matta e, aos pulos, salvavam rapidos os inextricaveis obstaculos, que lhes oppunham os grandes troncos cortados e a ramagem dos galhos entrelaçados. Ao principio, o Dezeseis poupou-os, porque tinha a frente impedida pelos nossos, que se retiravam para a passagem da direita. Isto, porém, durou um instante. Rompeu, então, uma descarga formidavel e o fogo continuou volante, intenso e mortifero. O inimigo avançava resolutivo, sem vacillar um instante. O parapeito ainda estava muito baixo. Os soldados, de joelho em terra, ficavam descobertos. Os officiaes em pé recommendavam: poupem a munição; acertem as pontarias, e viamos os assaltantes caírem em montões. Chegou o general argentino Ribas, a cavallo, e postou-se perto de nós, calmo, grande, heroico, fitando os inimigos que avançavam. Ainda não tinham chegado á contraescarpa do fôso, mas não estavam longe. Ouvi um chefe dizer baixo ao Tiburcio: estamos sem munição. O commandante respondeu: temos bayonetas. Os inimigos avançavam sempre. Já se distinguíam bem os rostos morenos e as boccas negras de morderem cartuxos. Manobravam, estendendo para a sua direita, em quanto outros nos fuzilavam sem cessar. O nosso fogo já ia escasseando; alguns soldados menos calmos tinham queimado os ultimos cartuxos. O assalto e o combate corpo a corpo estavam iminentes.

Os nossos pequenos canhões La Hitte varriam, á metralha, aquelles valentes, que ora avançavam ora recuavam, sempre imperturbaveis. Um navio da esquadra metralhava-os de flanco. Aquillo já durava bastante. O sol já tinha descambado e as sombras da noite se espalhavam rapidas, cobrindo de meias tintas apagadas aquelle horroroso quadro. As linhas paraguayas vacillaram um momento e retiraram em franca debandada. O canhão e o fuzil continuaram, naquellas fileiras tão dizimadas, a sua obra medonha de destruição.

Já vinha anoitecendo e as cornetas tocaram a alvorada alegre — era o sol da gloria que raiava mais uma vez para o Brazil amado. O hymno nacional, repercutindo naquellas mattas, fazia vibrarem de entusiasmo as fi-

bras dos nossos corações e era, ao mesmo tempo, a marcha funebre de centenas de valentes, cujos corpos sem vida se misturavam com os troncos caídos e a ramalhada ensanguentada.

Nessa mesma noite, recolhemos alguns feridos, inimigos, acudindo aonde ouviamos um gemido ou aonde as folhas estremeciam a uma convulsão de agonia.

O Dezeseis deu uma companhia para as avançadas e quem foi postal-a — fui eu. O Tiburcio me confiava esse serviço, muito embora fôsem mais graduados do que eu os commandantes da força. Si partia um tiro das vedêtas, a pé pela matta escura ou a cavallo no campo descoberto, lá ia o ajudante sempre satisfeito saber das novidades para communicar-as ao commandante.

No dia seguinte, á hora de render o serviço da vespera, rompeu um pequeno tiroteio na frente. Parti, rapido, para lá. As vedêtas haviam atirado sobre soldados paraguayos, que vinham recolher feridos e se retiraram sem responder.

A nossa linha avançou um pouco e achou em um lago de sangue coalhado, um menino de cabellos louros, cortados á escovinha, olhos azues, branco como um sudario. Teria, quando muito, quinze annos. Perto, estava a perna cortada acima do joelho por um projectil da esquadra. O menino fitou-nos com os olhos amortecidos, e sorrindo, tristemente, disse em bom hespanhol :

— *Yo soy guapo.*

Pobre creança, já te cobriam as azas brancas do anjo da morte e ainda tinhas na alma singela a vaidade do teu valor !

Mandei buscar uma padiola e eu mesmo o acompanhei até ao nosso hospital improvisado. Nunca vi palidez como a sua. E que sorriso triste ! Morreu naquella mesmo dia.

Acho razão nos que affirmam que a guerra, falsa solução do problema da felicidade humana, é a forma mais brutal do mal. Nascem tantos goivos entre os louros regados pelo sangue dos heróes !.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(*Continúa*)

## PAGINAS ESQUECIDAS

### O LENÇO QUE TU ME DÉSTE

O lenço que tu me déste  
Trago-o sempre no meu seio  
Com medo que desconfiem  
Donde este lenço me veio.

As lettras que lá bordaste  
São feitas do teu cabello ;  
Por mais que o veja e reveja  
Nunca me farto de vê-lo.

De noite dorme commigo,  
De dia trago-o no seio  
Com medo que os outros saibam  
Donde este lenço me veio.

Alvo, da côr da açucena,  
Tem um ramo em cada canto ;  
Os ramos dizem saudade,  
Por isso lhe quero tanto.

Esse lenço pequenino  
Tem dois corações no meio ;  
Só tu no mundo é que sabes  
Donde este lenço me veio.

Todo elle é de cambraia  
O lenço que me offertaste ;  
Parece que inda estou vendo  
Os dedos com que o bordaste.

Para o vêr até me fecho  
No meu quarto com receio  
Que m'o vejam e perguntem  
Donde este lenço me veio

Com os olhos nesses bordados  
Nem sei até no que penso,  
Os olhos tenho-os já gastos  
De tanto olhar para o lenço.

Se ás vezes lhe dou um beijo  
Guardo-o logo no meu seio,  
Com medo que desconfiem  
Donde este lenço me veio.

Nas lettras por ti bordadas  
Vem o meu nome e o teu ;  
Bemdito seja o teu nome  
Que se enlaçou com o meu !

Por isso o trago escondido,  
Bem guardado no meu seio,  
Com medo que me perguntem  
Donde este lenço me veio.

Quanto mais me ponho a vê-lo,  
Mais o amor se renova ;  
No dia do meu enterro  
Quero leval-o p'ra a cóva.

Vem pôl-o sobre os meus olhos  
Que eu hei-de tê-lo no seio,  
Mas não descubras ao mundo  
Donde este lenço me veio.

SIMÕES DIAS.

\* \*

### ENTERRO DE CHRISTO

Uns tantos homens, á hora em que os ultimos fimos do crepusculo da tarde cedem já ás primeiras trevas da noite, despregaram duma cruz o cadaver dum justicado, ungiram-no de perfumes, cingiram-lhe uma mortalha, alevantaram-no depois nos braços musculosos e levaram-no dalli pelas agras asperidades duma encosta e por entre as melancholicas oliveiras dum valle adjacente, até á espalda da collina fronteira. Chegaram e depuzeram-no lá.

Ao clarão da lua, que subisse lentamente no horisonte, seria facil distinguir então estas quatro coisas, naturaes, vulgarissimas : perto da

bronca elevação de uma rocha, que sombreava as claras ondulações daquelle terreno, o corpo dum pobre morto cingido nas dobras do seu lençol ; á curta distancia, a custosa remoção de uma pedra sepulchral a esforço dalguns homens ; um pouco adeante, o pequeno grupo dalgumas mulheres que soluçavam e gemiam ; e mais além, no alto dum monte, dominando tudo, os braços nús duma cruz solitaria, viuva do misero a que se tinha unido nos monstruosos esponsaes da morte legal. Depois, o cadaver passou ás sombras da sua gruta funeraria, a pedra rodou para o seu destino, e... mais nada.

As correntes murmuravam ao longe a eterna canção monotona do movimento das agnas ; as usuas vaporações da combustão nocturna fumavam ainda na cidade, disposta a reparar num somno placido forças gastas na fatigante labutação do dia ; e a noite começava a dar-se, despreocupada e livre, á celebração dos seus mysterios.

ANTONIO CANDIDO.

\* \*

### RELIGIÃO E TOILETTE

Acaba de passar mais este anniversario funebre de Jesus, e desta vez no meio de tão profunda indiferença, que dentre as demonstrações de lucto publico, a chronica apenas recolheu como mais notaveis, o espectáculo d'algumas egrejas illuminadas, na quinta-feira santa, como reles theatros, e a bandeira a meio-páu que um homenzinho da Pampulha poz á janella, por escarneo, entre dois grandes bouquets de rosmaninho.

A igreja perde effectivamente o seu logar, já não digo como fornalha da fé, mas mesmo como empresa e casa d'espectaculos. E o seu grande drama tragico annual—a paixão de Christo—com musica e canto, calvario no claustro, para os fieis, e brodio d'amendoas e vinho para os irmãos, na sachristia : esse grande drama lyrico, que por seculos foi considerado a obra prima do theatro papista—os proprios padres o confessam—começa hoje a tornar-se banal, pela immutabilidade dos mesmos effectos, e falta de logica do seu conjuncto scenico.

Antes dos progressos da litteratura e da musica dramaticas, que a Alemanha e a França radiaram para todos os escaninhos do mundo, pela maravilhosa inspiração dos seus artistas ; antes das renovações a que a sceno-

graphia artistica e a sciencia historica da *mise-en-scène*, trouxeram á arte de representar, os espectaculos catholicos eram effectivamente os primeiros dentre todos, pelo scenario apparatuso em que decorriam, pela atmosphaera d'idealidade e d'emoção que sabiam crear; e emfim, por essa docilidade supersticiosa e meiga do espirito publico, tão infantilmente preparado a accèptar as convenções impostas, que elle *via effectivamente* uma floresta, aonde o latim das Escripturas lhe ordenára que visse uma floresta, um pouco de sangue, no calix em que o celebrante apenas deitára vinho, e o prodigio da Resurreição dum cadaver, no dia em que o prégador gritava aos fanaticos, apontando o tabernaculo entorpecido numa catalepsia de trévas suggestivas do milagre:

—Vêde o Salvador do mundo que resuscita, e sóbe aos céos!

Não quero já fallar nas representações dos autos e dramas sacros, que estabeleciam proscenio sob as abobadas das cathedraes, e em cujo trama poetico se ennastravam as subtilezas liturgicas, com as mais obscenas realidades. Refiro-me apenas ás ceremonias de character essencialmente religioso, aonde tudo convergia a exaltar a supremacia de Deus, na materialisação tantas vezes grosseira desse primeiro actor do mundo que se chamou, o padre.

\* \*

Sob este ponto de vista, nenhum theatro da terra ainda soube provocar, como a Egreja, mais extraordinarias crises d'affectividade, e erguer a imaginação até mais inacessiveis cumes d'idéal. Allí tudo era grande, propositalmente grande, e tendendo á conquista da alma, pela voluptuosidade mystica dos sentidos. Na architectura dos templos, muitos dos quaes são Biblias de pedra, barbaras e refinadas, cheias de monstros e archanjos, de symbolos celestes e d'instrumentos de tortura, as ogivas só davam luz para a conjuncção dos grandes effeitos optico-dramaticos — desde a meia tréva que nevrotisa a alma numa confusão de mysterio, deixando aperceber as coisas em grandes vagos de calos, evocativos, até aos triumphos d'apothose em que a plena luz alaga a magestade do santuario, passando através

dos vidros de côres, e tingindo a ara de todos os milhares de tintas cambiantes do arco-iris. Os movimentos tragicos do orgão deitam os canticos em tremulos de lastimas e soluços, que zoados d'alto, fazem sobre as cabeças como uma nevoa, aonde a miseria humana se arrasta sabujamente a lamber os pés da Misericordia divina. E depois a magnificencia das vestes e alfaias prelaticias, os brocados de flôres phantasticas, os reluzentes galões das sobrepellizes, as mitras fendidas ao alto, em cauda d'escorpião, e babando o brilho das joias historicas; as alvas caíndo direitas, em grandes pregas cobertas de renda; as capas d'asperges arrastando as suas lhamas d'oiro e matiz, e espanejando em cauda, nas mãos dos acolytos vestidos de purpura, que balançam thuribulos; os vasos d'oiro cinzelado, os pallios, os baculos, as ventarolas de plumas, os palanquins orientaes!

Durante sete seculos, o theatro de Jesus tem para assim dizer nas suas mãos, as redeas da emotividade universal, e os emperezarios manejam-nas a sabor do calendario, vibrando quotidianamente a corda dos affectos celestes e terrestres, numa altura d'arte, de que as egrejas e museus da Europa, ainda hoje conservam o echo enternecido.

\* \*

Emquanto a religião apenas teve que se queixar dessa indifferença mansa e respeitosa, que succede immediatamente á perda da fé, em pouco ou quasi nada o prestigio das suas pompas esmoreceu.

Os homens ainda tiveram generosidade com ella, por muito tempo, guardando pelo seu passado de mãe consoladora, aquella dôce estima nostalgica que nos inspira em velha, a mulher que nos deu na bocca os primeiros beijos. A analyse, que desthronou os santos primeiro que os reis, diluía-os nos seus reagentes, por pura curiosidade scientifica, sem os affrontar porém. E se passava na rua algum desses idolos, grosseiramente esculpídos que outr'ora haviam manejado as pestes e as fomes, conforme os fieis lhes pagavam dizimos ou não, o artista o mais rebelde, descobria-se, como rendendo peito a uma recordação da infancia, que prostrára na lagea dos

templos, muitas das afflictas cabeças de nossos avós e nossos paes.

Ai, tudo passa! O seculo anterior, que abolira o respeito, não conheceu como nós este estado d'esphacelo que se chama o escarneio, e que é uma perturbação psychica collectiva das gerações actuaes, nascida da convicção de que todo o esforço é inutil, e de que tudo á roda de nós estaciona, como nas primeiras edades do mundo, — peor do que nellas — porque estaciona, dando-nos a illusão de caminhar. Esta perturbação nos leva a demolir numa hora, o sylpho benefico, homem ou principio, que por um instante soube distrahir-nos da angustia das nossas dissecções sobre nós mesmos.

Assim com a Egreja.

Os padres tinham-nos promettido além da morte, a vida eterna, e nesta ficção quizemos ver sómente um desdobraimento material da vida que levamos. Veio a sciencia, que desfez este maravilhoso anhelos de sybaritas: e eis que nós apedrejamos os padres, que nos enganaram, como esses doentes condemnados, que escarnecem do medico, antes de fecharem os olhos para sempre. Se elles téem posto as innovações da arte, a mais diversa, como no tempo dos papas da Renascença, ao serviço dos seus maravilhosos talentos de comediantes, dispendendo co'as fórmulas do culto, uma magnificencia e uma imaginação rivaes das do theatro moderno, quem sabe se não haveriam retido ainda, por alguns annos, para a Egreja, a preferencia das multidões que vivem dia a dia, freneticas de presente, e apenas preocupadas de gosar! Mas persuadiram-se de que o prestigio da tradição lhes bastaria: deixaram de ser os patronos da pintura, da joalheria, da tapeçaria e da esculptura: libertaram os grandes architectos do seu jugo; consentiram que a musica fôsse vivificar themes profanos: laicisaram as artes: e repetindo annualmente os mesmos espectaculos, prégando da cadeira os mesmos vaticinios, esses antigos fascinadores perderam o encanto, tornaram-se enfadonhos, incomprehendidos, inuteis — como esses paralyticos que a gente vê pelos asphaltos, e cuja cadeira de rodas nos obriga a cortar a linha recta em que seguimos.

\* \*

Tal é a historia desta lenta agonia do mais forte colosso que tem dominado o mundo. Dum lado, o padre que deixou de ser a creatura d'escolha, transfigurada e subtil, com todos os perfumes da casuistica a mais fina, e todos os requintes da intelligencia, a mais transcendental. Do outro lado a multidão, cuja voluptuosidade se complicou, reclamando novos prazeres e novos excitantes. Ainda entre nós, por alguns annos, a mulher quiz interpôr-se á derrocada, com o seu admiravel instincto d'artista e d'irmã da caridade. Vimol-a então subir ao côro, para cantar nas missas e novenas, encher as egrejas de flôres, pretender dar voga ao mez de Maria, em S. Luiz, *capitonando* de sêda os bancos das egrejas, pondo *toilettes* de sensação todas as tardes, illuminando as naves dos templos com profusão de gaz, em ricos candelabros, e enfim misturando ao amor divino, como Santa Thereza, um rastrosinho de amor profano, e ao perfume do incenso evolado pelo crivo dos thuribulos, a tripla-essencia dos seus frascos de *Pivet e Sinettson*, directamente importada d'Inglaterra. Mas váe que os padres, que desde as Escripturas proclamam aquella mulher como origem de toda a iniquidade, ainda desta vez não souberam ou não quizeram comprehender a gentileza alada do seu esforço: e um patriarcha velho, egoista, sem familia, que estava tonto e se chamava Ignacio, expulsou das egrejas o radioso archanjo que vinha prestar a um moribundo os derradeiros alentos de vida, com a sua vóz de soprano, a graça das suas seducções, e o roçagante setim dos seus vestidos.

E chegamos a isto: mais de metade das egrejas de Lisbôa, fechadas durante a semana santa! Fechado S. Vicente, uma dependencia do paço patriarchal; fechada a Graça, que é o palacio da Ajuda do Senhor dos Passos; os Jeronymos fechados, a Estrella fechada.

E nos poucos templos em que se celebram officios, cem velas d'arratel nas bobechas do throno, homens castrados, aos guinchos no côro, d'arrepisar os cabellos — e garotos de rua, entrapados d'anjo, a pedir cinco-réisinhos para os entrevados!

FIALHO D'ALMEIDA.

## O ALMIRANTE (27)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XV

Dir-se-ia que o espirito da marquezia de Uberaba se librava, imponderavel, no vacuo silencioso, quando ella ficou só, recostada á ampla janella do quarto de dormir, aberta sobre o jardim, respirando a fragrança das rosas, das magnolias exuberantes, de largas petalas brancas, voluptuosamente desabrochadas á caricia do orvalho, e procurando, com avidos olhos, nas profundezas do espaço constellado, na luminosa poeira astral, o vestigio dos seus sonhos, das suas aspirações de mulher, volatisadas ao contacto das lagrimas amargas. Seu coração desolado, êrmo dos affectos essenciaes de esposa e mãe, necessitava de commoções violentas, atordoadoras, como golpes da fatalidade, de impressões que lhe contundissem as amortecidas fibras, de mortificações, que lhe attestassem a sensibilidade atrophiada.

A illuminação da rua fréchava através da sombria folhagem do arvoredado e reflectia nas palhetas de mica, que forravam as arestas dos penhascos, aprumados em muralha cyclopica, no fundo da chacara, onde um lamure rumor de cascata parecia um pranto interrompido pelo suspiro das rajadas intermitentes do terral embalsamado. Na rua afastada, ouviam-se, a longos espaços, o ruido aspero de carruagens, os passos de transeuntes retardados, contundindo os lagedos da calçada, palavras, phrases de carinho, entremeadas de gargalhadas irrompentes de labios femininos, denunciando algum par feliz, abrazado de amor, em busca do conchego do lar.

E, nesse contraste de luz e treva, de silencio e rumores, de perfumes suaves e capitosos, a marquezia, numa immobilidade attenta, imperturbavel, desfolhava o livro do seu passado; relia-lhe as paginas dolorosas e as paginas alegres, sabidas de côr, como as de um piedoso livro de orações, diariamente rezadas. Ella se comprazia em despertar saudades adormecidas, em exhumar recordações, em evocar phantasmas, em avivar circatrizes, para renovar a sinistra voluptuosidade das velhas maguas, para dar tons pejorativos ás impressões triviaes recentes, quando dos episodios tragicos de outr'ora, ella passava aos incidentes monotonos do presente, da sua vida de viuva, de mulher rica, sem as absorventes ternuras da familia, isenta das incertezas, do aleatorio da lucta pela existencia, libertada da compressão de interesses, de ambições que excitam as defezas e aggressões contra as contingencias do meio.

A marquezia necessitava de commoções fortes para por á prova a sua combatividade, as suas capacidades de resistencia. Como um delicado timbre de prata, ella precisava de ser contundida para vibrar.

Apezar da segurança com que lhe falára o conselheiro, alludindo á grave enfermidade de Deodoro da Fonseca, os boatos de rebeldia do exercito, de conspirações tramadas no Club Militar, as suspeitas de perturbações da ordem, havia muito presentidas pelo chefe de policia, o amigo Basson, se crystallisavam em formas monstruosas, tomavam exaggeradas proporções e geravam sinistros terrores, muito adequados aos incitamentos anhelados.

A ausencia de Oscar devera ser determinada por algum extraordinario incidente, que ella, em vão, tentára adivinhar; uma aventura de homem livre, uma exigencia do serviço o haviam, talvez, colhido, subitamente, ao deixar a casa do conselheiro, onde jantára.

— Quem sabe — pensou a marquezia — se voltou sem me avisar, e está, a esta hora, dormindo tranquillamente?

Ella não podia permanecer nessa incerteza torturante. Movida por subita resolução, deitou sobre os hombros um chale, e, accendendo uma lanterna cylindrica de prata e crystal, desceu, mansamente, ao andar terreo, estremecendo ao reflexo da tenue luz nas tapeçarias, nos moveis, cujas sombras phantasticas parecia moverem-se ameaçadoras. Sacudida de continuos sustos, como mulher amorosa obedecendo, timida, ás funestas attracções do peccado, foi com intenso impulso de coragem que ella atravessou o salão e chegou ao vestibulo, que dava para o jardim. As creadas, medrosas, haviam fechado, com as precauções habituaes, a porta, protegida por uma pezada tranca de ferro, que ella, difficilmente, maguando as delicadas mãos, extenuando-se pelo enorme esforço, conseguiu remover.

Ao chegar ao terraço, todo o seu corpo, aquecido no ambiente abafado da casa fechada, estremeceu ao contacto de uma onda de ar frio; a folhagem das arvores proximas se remexeu em prazenteiro rumor como se despertasse com a sua presença e lhe viesse ao encontro, precedendo os cães de guarda, que surgiram da sombra, rapidamente, e lhe brincavam em torno, irrequietos, ganindo, docemente, de alegria. A companhia daquelles amigos fieis tranquillizou-a e ella aventurou alguns passos até o principio da alameda, donde avistou o frouxo clarão de uma luz, através dos vitraes da porta do *chateau*, certificando-lhe que Oscar não voltára.

— Que seria? — murmurava ella, regressando ao terraço, sempre acom-



panhada pelos molossos, excitados de prazer, cercando-a numa ronda macabra de contorções, de saltos epilepticos.

De repente, ouviu-se o rumor de um cavallo em desapoderada carreira. Os cães estacaram attentos, focinhos erguidos prescrutadores, orelhas espetadas em attitude de alarma, precipitando-se com algazarra aggressiva para o portão, onde estacára o cavalleiro.

A marquezia estremeceu á vibração violenta do sino, tangido por braço possante, e quedou-se, encolhida de susto, na constricção de uma ancia sufocante. Ao segundo toque mais forte, ouviu-se a voz do guarda-portão estremunhado, bradar num accesso de máu humor:

— Lá váe. . Tenha paciencia que isto não são horas de vir acordar a gente com tamanho barulho.

— Vim da parte do seu capitão — respondeu outra voz fatigada, interrompida pelo ruido das patas do cavallo inquieto sobre os lagedos da calçada.

Mal gyrou nos gonzos o portão, a marquezia ousou perguntar:

— Que é, Sebastião?

— E' um soldado — respondeu o guarda-portão, surprehendido pela presença da patrão no terraço.

E logo se approximou o Sebastião, lentamente, arrastando os pezados tamancos pelo saibro da rua do jardim.

— Muito bôa madrugada, patrão. Não se assuste, v. ex.: é um cabo de policia, com este bilhete.

A' luz vacillante da lanterna, a marquezia leu, com voz entrecortada de angustia:

« 2 horas da madrugada.

« Fui chamado, com urgencia, pelo barão do Ladario, ao arsenal de marinha, onde estão o presidente do conselho e o ministro da justiça. Não tenha receio. Tudo váe bem. Mande-me, pelo portador, a minha farda, a espada e o revolver. Pela manhã, ahi estarei ou mandarei noticias.»

Oscar.»

Todos os tristes presentimentos accorreram, em desordenado tropel, ao espirito da marquezia, sacudida de commoção; mas, como se lhe avigorassem as energias á perspectiva do perigo, ella ergueu-se resoluta, recobrando a sua impavidez de mulher forte.

— Vamos; — disse ella, tomando a lanterna, — acompanha-me Sebastião. Vá buscar a chave do *chateau* — acrescentou para a sua mucama, que viéra sobresaltada pelo toque do sino do portão áquella hora.

E, ajuntando a acção á palavra, partiu na direcção da bella casa de Oscar, atufada no arvoredado sylvestre, preservado por Hortencia, quando se limpára a chacara. A marquezia ia na

frente; caminhava rapidamente, projectando a sua sombra esguia nas graciosas ogivas do bambual. Sebastião levava a lanterna e caminhava lentamente, muito indifferente á anciedade da patrão e resmungando colerico, revoltado contra aquelle inesperado incidente, que lhe cortára o pezado somno.

Aberta a porta do *chateau* pela mucama, que viéra correndo, a marquezia entrou com ella; estacou um momento, assaltada de horror deante das panoplias de armas exoticas, pendentes, em profusão, das paredes da sala de espera. A' luz abundante do bico de gaz espertado, aquellas armas reluziam em tons rubros, como se estivessem tintas de sangue e suggeriam aos olhos della a visão de episodios tragicos, de um combate encruento em que a figura do querido Oscar, entre o brilho de laminas aceras, ao lampejo de uma fuzilaria crepitante, ao ruido de gritos de colera e de dôr, se destacava heroica. Ella estremeceu, esfregou com as mãos crispadas os olhos, allucinados de afflicção; afastou do rosto os cabellos desgrenhados e, recobrando um impulso de valor, subiu as escadas, penetrou o quarto de vestir, onde a farda de Oscar e as armas estavam, sempre, conforme os habitos militares, preparadas para o primeiro alarma. A mucama dobrou, cuidadosamente, a sobrecasaca, o collete e as calças, accommodou entre essas peças o bonet.

— Anda depressa; amarra tudo isto nesta manta; assim, aperta bem. Não ha tempo a perder; vamos.

E, num instante, ella, cada vez mais agitada, desceu as escadas, brandindo, num gesto victorioso, a espada, que escapára da bainha de coiro negro, e fulgia desnudada, aggressiva; enveredou, rapida, pela alameda de bambús farfalhantes e chegou ao portão, onde um cabo de policia continha a custo o cavallo impaciente.

— Que aconteceu? — perguntou ella.

— Estamos de promptidão — respondeu o cabo, num tranquillo accento de quem não suspeitava a gravidade do momento. O 7º se revoltou e tambem a segunda brigada do exercito. Dizem que os batallhões navaes e imperiaes marinheiros tambem estão de promptidão. Nós, da policia, ha muitos dias que não sabemos o que é somno. As coisas não estão bôas.

— Bem, bem — retorquiu a marquezia, tiritando — Leve, leve já tudo isto...

O soldado recebeu o pacote da farda, a espada, o revolver, montou lésto, e partiu a galope.

Transida de frio, a marquezia volveu ao seu quarto e caíu extenuada numa poltrona, os cotovellos fincados sobre os joelhos, o rosto escondido entre as mãos hirtas.

— Meu Deus, meu Deus! — murmurou ella, depois de longa meditação afflictiva — Que terá succedido; que váe ser de nós, de Oscar?!

— A senhora precisa de alguma coisa — murmurou, reverente e timida, a mucama, que estava no quarto de dormir.

— Espera... Se eu pudesse?

Passou-lhe pela mente o projecto de mandar preparar o carro, de partir para a cidade, onde saciaria a anciedade, procurando Oscar no arsenal de marinha para se tranquillisar ou para testemunhar os acontecimentos.

— Não; não preciso de nada. Deixa-me; váe. váe dormir.

Esteve-se a marquezia naquella attitude de meditação, desvairado o espirito em conjecturas sobre o que se estaria passando áquella hora, factos sem duvida muito graves para determinarem uma reunião do ministerio no arsenal de marinha, onde, talvez se organisava a resistencia, o plano de dominação das tropas indisciplinadas pelos valentes marinheiros ás ordens de um chefe de prestigio, um amestrado almirante, como o barão do Ladario. Os marinheiros imperiaes permaneceriam fieis ao seu monarcha, ao governo, defendendo a honra militar enxovalhada pelo exercito, atordado e desviado dos seus deveres pelos deleterios vapores da demagogia. Ella ponderava, depois das mais absurdas deducções dos factos recentes, que um levante de quartel não poderia adquirir a intensidade de uma revolução, que não encontraria éco na alma do povo, das classes dirigentes, satisfeitas com o governo empenhado em reformas de subido alcance social e economico, na restauração do credito nacional, desenvolvendo assombrosa iniciativa industrial, fecundando fontes de producção donde já defluíam caudales de oiro. As classes conservadoras, que projectavam uma estatua de oiro ao presidente do conselho, não poderiam apoiar um movimento anarchico que interromperia, que annullaria essa prosperidade iniciada pelo energico impulso dos estadistas benemeritos. Além disso não se mudam, da noite para o dia, instituições radicadas por uma tradição gloriosa no coração do povo. A revolta de alguns batalhões seria uma explosão de descontentes que, quando muito, abalariam o ministerio. Mas ministros mudam-se, como peças gastas, que pódem ser substituidas sem prejuizo das funcções normaes do mecanismo politico. Ahi estava, cheio de prestigio, o conselheiro Saraiva para abafar as queixas com o seu liberalismo conservador. Havia, ainda, outros estadistas liberaes, capazes de resolverem a situação, por mais tensa e difficil, que se antolhasse.

Essas cogitações lhe occorriam em tumulto, aggravando ou attenuando os terrores dominantes no cerebro da marquezia, um tumulto de idéas em contraste com o silencio da cidade, adormecida em plena paz. Veio-lhe, subitamente, a solução da crise pelo terceiro reinado, iniciando uma era nova, sob a influencia da Princeza Imperial, apoiada no elemento abolicionista, na força da raça libertada, que jurára defendel-a até á morte. E, do horisonte sombrio, toldado de negras nuvens ameaçadoras, surgia aos seus olhos, como uma aurora, essa consoladora hypothese, concretizando o seu sonho magnifico.

Como promissor mensageiro dessa realidade anhelada, o dia dealbava destacando o recorte do arvoredado humedecido de orvalho. Frouxos clarões pallidos fôram invadindo o quarto pela ampla gelosia aberta. Lá fóra se ouvia a tosse do Sebastião, resfriado, quando abria o portão ao soldado; elle iniciava a régua do jardim praguejando contra o interruptor do seu delicioso somno. Passaros, despertados, pipilavam na folhagem densa. Na rua passeavam os transeuntes matinaes, turmas de operarios em busca do trabalho, conversando alegremente, levando ás costas os instrumentos da profissão. Contundiam as pedras do calçamento pezados vehiculos, puxados por bois somnolentos. Campainhas de vaccas de leite davam uma nota alegre a essa cacophonia dos rumores do despertar monotonico da população da cidade, indicando que a tranquillidade habitual não fóra perturbada.

(Continúa).

## ENTREACTOS

Um dia, numa sala muito culta, deante de veneraveis estantes de carvalho lavrado, onde se amontoava, talvez por ler e commentar, a phantasia dos seculos, eu disse ingenuamente, falando de Mæterlinck, que toda a gente admirava com frenesi, depois da *Vida das Abelhas*:

— O Mæterlinck desse livro é a ultima edição do primitivo artista. A mim, sempre me parece que o auctor da *Intrusa* era um vinho exotico e mysterioso, cujo perfume bastava para enebriar. A civilisação foi-lhe pondo a agua da conveniencia, e hoje ali temos o elixir da emoção rara, transformado em mel rosado, ao alcance de todos os paladares...

Depois desse terrivel paradoxo, tive um outro como consequencia, que deixou estatelados os diversos cavalheiros presentes.

— Oh! esse theatro representativo da alma e do cerebro, esse theatro que descorporifica os sentimentos e corpo-

rifica as grandes idéas vagas! Eu só conheço alguém que tenha feito coisa egual, o Coelho Netto do *Ao Luar* e do *Pelo Amor!*

Era no tempo em que alguns senhores tinham decretado os desastres de Coelho Netto, no theatro. O *Pelo Amor!* era um caso de delirio; o *Ao Luar* era uma coisa que fazia arripiar a gente, mas não prestava para ser representada. Os cavalheiros callaram-se, e eu tambem. E' muito difficil ir de encontro ao absurdo.

Ora, esse absurdo acompanha a evolução dramatica da maravilhosa phantasia de Coelho Netto.

O *Pelo Amor!* tinha num personagem de bobo, a condensação de todas as almas desesperadas desde Caliban até os descorçoados de hoje. Cada phrase dessa creatura, symbolo dos corações tristemente soffredores, era um rosario de lagrymas e de angustias, de laceradas verdades.

Acharam isso muito comico, emquanto a mocidade, sempre a mais justa mesmo quando commette injustiças, coroava de loiro o Artista superior.

Talvez os espectadores de Shakspeare não tivessem comprehendido Caliban, nem Cybelina nem o pobre rei Lear. Os espectadores de Hugo atiravam bancos á scena. Os de Coelho Netto riram depois. Era o cumulo da imbecilidade.

Mas, isso não desanimou a alma creadora. No nosso theatro, tudo está por fazer, desde os edificios proprios e decentes até os artistas. Não era natural que um publicosinho, cuja preocupação principal é ouvir a companhia lyrica e só applaudir as estrellas enchendo as salas do antigo Pedro II, para mostrar gosto e *toilettes* ricas, não era natural que esse publicosinho, viciado pela revista de anno, fôsse subitamente comprehender a elevação da Arte. Netto fez o *Ao Luar*, a tremenda tragedia, o dialogo crispante, que tem dos estranhos accordes da musica de Beethoven e vive na luz branca do plenilunio a tortura do impalpavel e do horrivel. Lucilia Simões fazia a scena com todos os seus nervos geniaes, e vel-a assim, vestida de negro, na sala escura, emquanto, nos jardins, os cães tristes ladravam á lua, vel-a no auge da duvida atróz e do pavor, era recordar a esplanada de Elsenor, era recordar o *Interior*, do artista belga, era recordar tudo o que a Natureza produz de extraordinariamente verdadeiro e que só a Arte fixa, porque não o pódem reter as almas fracas dos mortaes...

Os zoilos estarreceram; mas, de mistura com o despeito, surgiu a nova, a mirabolante idéa das peças irrepresentaveis. Que diabo! O sr. Coelho Netto escrevia chronicas, escrevia romances como o *Inverno em Flôr*, es-

crevia novellas como as do *Sertão*, escrevia comedias irresistiveis de graça! E ainda queria escrever tragedias!

Mas, esse homem não comprehendia que a Arte váe tomando ares de repartição publica, em que cada amanuense não passa de um certo numero de despachos, com a acceitação geral?

Então ficou decretado que as peças do sr. Coelho Netto são impregnadas de talento, que a phantasia polvilha os seus dialogos de grandes explosões poeticas, mas que o sr. Coelho Netto não escreve peças representaveis.

Foi inutil clamar, foi inutil o desejo de convencer. Não ha peças irrepresentaveis! Pelo processo de fazer theatro, com *trucs* e scenas de effeito, não existiriam obras primas de theatro. Nem no passado, Shakspeare e Ben-Jonson sabiam fazer peças, nem o theatro representativo do espirito moderno, Ibsen, Bjoëron, Gumar, d'Annunzio, Schuré, Rachilde, Mæterlinck das *Septe Princezas* e de *Pel-léas et Melisande*, tem a preocupação de armar theatro. Se houvesse peças irrepresentaveis, Antoine teria naufragado sem revelar os talentos mais jovens da França; Suzanne Desprès não demonstraria a sua aguda sensibilidade no *Theatro de l'œuvre*; Sarah não teria representado a *Cidade morta*, a Duse não restringiria o seu repertorio a d'Annunzio, Oscar Wilde não escreveria para Sarah a tragedia de *Salomé*, não teriamos, emfim, no theatro moderno senão a futil e decorativa carpintaria dos filhótes de Dumas e de Augier, que é de praxe considerar adoraveis.

Mas o absurdo teimava, e não é bom oppôr-se a gente ao absurdo. Ha talentos que mesmo condescendendo são cada vez mais brilliantes. Netto condescendeu, e o resultado foi a *Muralha*, em que os seus personagens, por mais terra á terra, dão á totalidade dos que os ouvem, a impressão de uma dessas tragedias burguezas imaginadas por Paul Hervieu, em que a Vida rugge tempestuosamente os sentimentos do amor, do odio e da revolta.

Aos *Annaes* concedeu Coelho Netto a honra da publicação da *Muralha*; ao auctor destas linhas mandam os redactores desta revista, o precedel-a de algumas palavras, que resumam bem o seu agradecimento.

Pareceria uma louca pretensão preceder, mesmo com elogios, umas das obras do mais formoso espirito do Brazil mental. Eu acceitei o encargo, sem hesitar.

A intellectualidade brazileira atravessa uma crise — a necessidade da protecção official para a eclosão dos escriptores de valor. Não são as epochas que fazem os poetas, são os poetas que fazem as epochas litterarias. Basta um artista para transformar uma geração inteira.

Coelho Netto, aos quarenta annos, em pleno verão da vida, é o maximo romancista do Brazil. Da sua penna fecunda, surgirá um verdadeiro theatro e ao seu lado se formará uma pleiade de trabalhadores no dia em que as auctoridades officiaes resolverem subvencionar um theatro para livrar os artistas dos temores e dos interesses de primeira hora dos empregarios.

A publicação da *Muralha* talvez chame a attenção dos medalhões politicos para o magno problema de um theatro nacional. A mocidade, lendo-a, mais uma vez se convencerá do estranho talento de Coelho Netto, e desculpará estes tremulos periodos de um admirador, que só deseja chamar a attenção do publico para a mais ousada, a mais forte e a mais bella peça do theatro brasileiro.

JOÃO DO RIO.

## A MURALHA (\*)

COELHO NETTO

PEÇA EM 3 ACTOS

*A Arthur Azevedo*

### PERSONAGENS

COMMENDADOR NARCISO, influencia na alta finança; — SERGIO, banqueiro fallido; marido de Camilla; — CARLOS, filho de Sergio; marido de Estella; — MATHIAS, funcionario aposentado, pae de Estella; — CAMILLA; — ESTELLA; — ANNA, mulher do povo; — BALBINA, mulher de Mathias; — 1 Creado, — 1 Jardineiro, — 1 Creada.

(Actualidade)

### PRIMEIRO ACTO

Salão elegante, com trez portas ao fundo abrindo sobre o jardim. Portas lateraes.

#### SCENA I

SERGIO E CAMILLA

*Ao subir o panno, uma creada atravessa a scena da direita para a esquerda, sobraçando uma porção de housses. Sergio entra vagorosamente, pela porta central, examinando uma lista. Camilla apparece no jardim, detem-se junto a uma latanea, arranjando-lhe as palmas.*

SERGIO

Cento e cincoenta e dois mil réis... (*Dirigindo-se á Camilla:*) Cento e cincoenta e dois mil réis lançados á rua pela vaidade. (*Camilla desce.*) Não penses que estamos no tempo das vaccas gordas, as ultimas fôram-se, vendidas aos kylos. Tu não tens um vestido decente para a casa; eu chego, ás vezes, a pensar que a minha sobre-casaca é feita de téla de arame — tão pezada e lustrosa está — e queres offerecer um chá de cento e cincoenta e dois mil réis... Onde tens a cabeça? Não te serviu de escarmento a scena tragica de Botafogo, a nossa mudança, quasi uma fuga? a verdadeira lucta que tive de sustentar com o commercio da visi-

nhança que nos queria cortar a retirada. Sabes a quanto montam os juros que tenho de pagar este mez, á casa Farrulla? a seiscentos mil réis. São as tuas joias e as minhas... O meu relógio, com uma dedicatória do Simas, tão commovedora e que era a consolação da minha velhice, recordando-me os dias prosperos do Syndicato agricola... E para que fizemos tamanho sacrificio? para manter as nossos logares no Lyrico... E queres dar um chá de cento e cincoenta e dois mil réis. Vaidade... vaidade e loucura...

CAMILLA

Praça de guerra, meu amigo. Os sitiados, quando lhes faltam munições, respondem com tiros de festim. Assim fizeram, durante dias, os russos de Stoessel, em Porto Arthur. O silencio é a rendição, a rendição é a morte ou a vergonha. Quem se retráe diminúe, quem se isola desaparece... A peor das mortes é a decadencia. Ninguem ri dos tumulos, a cova rasa não faz voltar o rosto, mas a rotula, as botinas cambadas, o casaco póido, um chapéo muito visto afugentam mais do que a lepra asquerosa. E quem não quer ser avassallado pela miseria queima os ultimos cartuxos, mesmo os de polvora secca.

SERGIO

Mas eu nem esses possúo.

CAMILLA

Inventa-os.

SERGIO

O conselho não é máu... Sabes, porém, que não sou homem de imaginação; não sci apparentar — sou o que sou.

CAMILLA

Fazes mal: ninguem deve mostrar-se como é — a sinceridade é uma nudez. Dizes que cultivo phrases... Com ellas, levantei o teu prestigio e são ellas que ainda mantéem, em certo equilibrio de fortuna, a nossa vida. As minhas phrases são como as nuvens — não deixam ver o vasio. Aqui váe uma. O salão é a face da casa. Que importa que, lá por dentro, as cadeiras estejam desconjuntadas, com a palha rota, os estofos esgarçados, o fogão sem lume, os lençóes da cama em tiras, a despensa vasia? o salão deve rebrilhar. Arda um simples lampeão na sala de jantar, o lustre do salão deve ter todos os bicos accesos, fulgurando. Conheces o *Mal secreto*, soneto de Raymundo Corrêa?

SERGIO

Raymundo Corrêa... Quem é?

CAMILLA

Um dos nossos maiores poetas.

SERGIO

Sei lá disso...

CAMILLA

Pois no soneto a que me refiro, Raymundo allude á dolorosa dissimulação dos infelizes, á mascara que os mais desgraçados afivellam ao rosto, occultando, sob apparencia de ventura, os maiores pezares, ancias as mais corrosivas. E' a conveniencia que impõe a hypocrisia. A sociedade não supporta a exposição da chaga nem o espectáculo incommodo da miseria. Quem quer ser acolhido esconde as mazellas, seja uma ulcera ou seja a fome. Emquanto a sociedade vir luz em nossa casa e ouvir rumor

de risos, não deixará de passar á nossa porta; tanto, porém, que dér pela escuridão, sentir o cheiro de mófo, ouvir o roer dos ratos, ai de nós! A Piedade, a principio, seguindo o suave conselho de Jesus, voltava o rosto quando fazia a esmola para não vexar o pobre que a pedia, e nem á mão esquerda a direita deixava perceber a sua caridade. A sociedade, subscrevendo o conselho do Messias, executa-o... voltando o rosto, não para não vexar o pobre, mas para não vel-o... e, em vez de deixar o obulo no gazophilacio da porta do templo, como fez a viuva, entrega-o no balcão dos jornaes para ter o recibo da publicidade. A piedade, hoje, é humilhante — ter pena é aviltar. Turenne seguia para os combates tremendo... e vencia. Faze como Turenne se não queres succumbir: Treme, mas avança.

SERGIO

Ah! sim... dizer não custa, avançar é que é. (*Frenetico:*) E' que eu não tenho, Camilla. (*Tirando algumas cedulas do bolso:*) Aqui tens toda a minha fortuna: vinte e e quatro mil réis.

CAMILLA

Manda á Colombo.

SERGIO

A Colombo... Queres que eu vá despertar o leão que dorme? Não sabes que estou alcançado na Colombo em cinco anniversarios... todos os do anno passado...?

CAMILLA

E a Paschoal?

SERGIO

A' Paschoal devo ainda as nossas bôdas de prata. Casamos muito cedo...

CAMILLA

Ainda não pagaste as nossas bôdas de prata?

SERGIO

Que diabo! não ha ainda um seculo.

CAMILLA

Sim, ha seis annos apenas.

SERGIO

Então?

CAMILLA

Manda a uma ou a outra; qualquer delias não se recusará a servir-te.

SERGIO

Apezar das contas?

CAMILLA

Por isso mesmo. A melhor garantia para quem compra a credito é uma conta avultada. A divida é um refem. Demais, é de bom conselho fazer ver aos credores que ainda se tem representação. Uma casaca, ainda alugada, vale sempre mais do que uma blusa.

SERGIO

Theorias.

CAMILLA

Infalliveis na pratica.

SERGIO

Afinal — esperas visitas?

CAMILLA

Naturalmente. A gente do Gaudencio, o Favilla, o Pires e as filhas.

SERGIO

Esse, não.

CAMILLA

Porque?

SERGIO  
Retraiu-se depois do que houve com a mulher.

CAMILLA  
Ora! uma mulher que sae de casa com um homem. Grande novidade! E' um meio de substituir uma reputação banal por uma fama brilhante. Toda a mulher que prevarica, ainda que seja uma megéra, logo se impõe á imaginação do publico transfigurada em Venus. A Julinha lucrou com o rapto. Talvez o Pires tenha até mais orgulho em dizer-se agóra seu marido. Quem era ella antes do escandalo? ninguem... agóra é uma «conhecida senhora do high-life», como disseram os jornaes. A Julinha... do high-life...

SERGIO  
Vamos adeante.  
CAMILLA  
O Mathias e a velha...  
SERGIO  
Sim, os paes... com o indefectivel córte de blusa.

CAMILLA  
O Narciso...  
SERGIO  
O grande Narciso...!  
CAMILLA  
Peres Taveira...  
SERGIO  
Que vem cá fazer esse bonifrate?

CAMILLA  
E' muito decorativo, frequenta o alto mundo, tem relações na imprensa. Convém. Não penses que me preocupo com os que vêem a nossa casa...

SERGIO  
Se não te preocupas com elles, para que queres maravilhas, camarões, sandwiches, sorvetes, toda essa lista de cento e cinquenta e dois mil réis?

CAMILLA  
Para o publico.  
SERGIO  
Para o publico acho o serviço mesquinho.  
CAMILLA  
Os jornaes encarregam-se de o tornar abundante com alguns adjectivos.

SERGIO  
E's pratica.  
CAMILLA  
Felizmente.

SERGIO  
Emfim... A verdade é que eu só disponho de vinte e quatro mil réis e... credores.

CAMILLA  
Deixa em paz os vinte e quatro mil réis. A palavra, posto que seja uma moéda falsa, tem curso livre...

SERGIO  
Não sejas cruel com a palavra — ha algumas que valem mais do que o ouro.

CAMILLA  
Essas raramente são nos balcões.  
SERGIO  
Queres dizer que a minha...?

CAMILLA  
Não costume alludir aos presentes.

SERGIO  
Pois vou ver se consigo o que queres. E.

vê lá: fiquemos nos centa e cinquenta e dois mil réis. (*Outro tom:*) O Antonio está ahi?

CAMILLA  
Deve estar.  
SERGIO  
Vou, então, escrever á... (*Pensa*) á... *Colombo*, vá lá.

CAMILLA  
Poucas palavras e altivas. Encommenda, não peças.  
SERGIO  
Decididamente, tu é que devias ser o homem da casa.

CAMILLA  
Sinto-me muito á vontade no meu sexo e no meu posto: mando.  
SERGIO  
E não entras em fogo.  
CAMILLA  
Como os generaes.  
*A creada entra pelo fundo e adeauta-se. Camilla fal-a recuar até á porta e acena-lhe com a cabeça, interrogativamente.*

A CREADA  
O senhor commendador Narciso.  
CAMILLA  
Manda entrar para a sala de espera. (*A creada sae*).

SERGIO  
Recebe-o tu. Eu vou tratar da encommenda. (*Entra á esquerda*).

## SCENA II

CAMILLA E NARCISO  
CAMILLA  
Este meu marido... (*A' porta da direita:*) Sem cerimonia, senhor commendador.

NARCISO, *entrando:*  
O' minha senhora...  
CAMILLA  
Folgo em vel-o...

NARCISO  
Muito matinal, não é verdade?  
CAMILLA  
Bem se vê que se levanta ao meio dia. São duas horas...

NARCISO  
Como é natural que não possa vir á noite...

CAMILLA  
Porque...? Oh! desculpe-me... a noite é sempre mysteriosa.

NARCISO  
Deixando um embrutho sobre um dos consolos:  
Oh! por quem é... não ponha malicia. As minhas noites são as de um frade.

CAMILLA  
Já?!

NARCISO  
Sempre fôram.  
CAMILLA  
Fez voto?

NARCISO  
Não, senhora... mas os negocios...

CAMILLA  
Tambem os faz á noite?

NARCISO  
Faço-os a qualquer hora...

CAMILLA  
Como os medicos.

NARCISO  
E' verdade. Tenho hoje uma reunião de amigos. Estamos com vontade de fundar uma companhia para a exploração da fibra de uma planta... E' coisa de futuro...

CAMILLA  
Sempre as grandes idéas...  
NARCISO  
Sempre o trabalho. E por cá? todos bem? O Sergio, d. Estella... Não pergunto pelo Carlito porque sempre o encontro. Parece vender saúde.

CAMILLA  
E'... tem tanta que anda a esbanjal-a por ahi. Sergio, sempre a cultivar, anda agóra ás voltas com os chrysanthemos (*Outro tom:*) Mas dê-nos uma hora, ao menos, á noite. Esperamos poucos amigos, só os intimos, e não queremos que fique um só logar vago, o seu principalmente... bem sabes que nunca o preenchemos.

NARCISO  
O' minha senhora. (*Outro tom:*) Pois é verdade... Tive hontem um boa noite.

CAMILLA  
O café subiu?  
NARCISO  
Não, senhora. Não sóbe tão cedo.

CAMILLA  
Falta de pressão...?  
NARCISO

Pressão demais, talvez. (*sorriem*) Disse-me o Carlito que desistiu da idéa de ir para o Amazonas explorar a borracha.

CAMILLA  
Foi um sonho, desvaneceu-se. Infelizmente, meu filho não está aparelhado para as grandes aventuras que decidem da sorte de um homem, ou para as batalhas da vida, como se diz em estylo alcandorado. A culpa não é delle. é nossa: creamol-o para millionario: elle saiu dos encantos — da riqueza e achou-se na mediocridade. A perda, quasi total, da nossa fortuna não foi só um desastre material, foi um descalabro moral. Elle está tonto, não atina com o caminho e da grandeza antiga conserva os habitos e o orgulho, entaves tremendos para quem lucta com a tormenta em mar alto.

NARCISO  
Oh! elle tem a mocidade.  
CAMILLA  
A mocidade bem applicada é lume; mal dirigida, é chamma.

NARCISO  
Quem tem amigos, minha senhora, e disposição para o trabalho...

CAMILLA  
Ah! sim... quem tem amigos... (*Estella apparece ao fundo.*)

(*Continua*)

(\*) E' prohibida a reproducção.

## “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do 1.º trimestre d'OS ANNAES.

## A LIVRARIA

VOLUTAS — RAYMUNDO MONTEIRO —  
OFFICINAS DOS ANNAES — RIO DE  
JANEIRO.

*Volutas* são versos de amor, versos dos vinte annos. Não são inspirados sómente nos olhos azues ou negros da casta bem amada, «daquella que espera,» e a quem todo poeta, nas horas vagas, compõe suavemente um matizado *bouquet* de sonetos e estancias. Já váe afastado o tempo em que os sonhos e as visões dos vinte annos se reflectiam apenas no espaço deslocado por um vestido branco que passa, ou no brilho e olôr de uma trança desnastrada.

O auctor das *Volutas* ama e deseja, ardentemente. Passeiando a sua avida mocidade pelo vergel embriagante do amor, não se compraz apenas em colher as doces flôres dos sonhos e das illusões, que mais das vezes satisfazem a ternura de um poeta passional. Elle deixa-se tentar pelo sol de primavera que sente pulsar no coração, e, soffrego, procura tambem colher os pomos doirados.

E' um amoroso, sem pieguices. A sua inspiração deriva dessa fonte que produziu *Rolla* e *Namomia*, mas abandonou, ao influxo da corrente moderna, aquelle mixto de insanias e fatalidade dos poemas musseteannos, refinando-se num brando espiritalismo, talvez um pouco sceptico, que dá uma graça enervante ás vózes do seu coração, todo voltado ás doces realidades da vida e do amor.

E' o amor o *leit-motive* dessa symphonia, que começa no queixume cheio de desejo de *Ignota Dea* e acaba nos accordes, impregnados de brusca desesperança, do soneto *Ainda só*:

Eis-me de novo só — estranha solitude!  
E agóra que me punge a antiga dôr, agóra  
Sinto que eu quiz sonhar — quiz sonhar e  
não pude!

Os versos das *Volutas* são correctos, sem grande preocupação de forma, singelos, sem banalidade, imaginosos, sem a pretenção a um symbolismo etherisado, quintessenciado. São versos ternos, e o poeta ao fazel-os devia sentir-se mais apegado á vida que ao Além.

Já Olavo Bilac, um grande poeta do amor, afirmou um dia que

...mais eleva o coração de um homem  
Ser de homem sempre, e na maior pureza,  
Ficar na terra e humanamente amar!

No bello soneto *A' Fanny*, sente-se a exaltação de uma mocidade, á qual sabe deliciosamente um pouco de agrura e morbidez entre os risos do amor:

A' mesa de um Café barulhento componho,  
Sem floreis de *tylo*, esta Chaga de rimas  
Que ha-de o fulgôr de teu olhar riso  
sonho  
Certamente marear, Esphinge que me estimas!

Preme-a de encontro ao seio e has-de sentir  
que o sonho  
Do poeta, como o sol que resplandece ás  
cimas  
Das montanhas e doira o oceano, e o val  
tristonho  
Rebenta nos paúes a gloria das Vindimas!

Pouco importa que o Verso exsurja da alma  
doente  
Ou perto de um bordel ou perto de um sa-  
crario,  
A Virtude exaltando ou o Vicio impenitente!

E o meu Verso de dôr é um partido rosario  
Que debulho — a rezar desoladôramente —  
Pela escarpa sem fim do meu itinerario!

Nos versos *A uma mulher*, *Estancias*, *Visão de sonho*, *Ponr me coquette*, *Amante morta*, versos fluentes, ricos de doçura, os éstos do coração febril se acalmam um pouco, e um sopro de pureza e espiritalidade, em um bom momento, fez brotar essas estrophes que a gente lê, encantado, sentindo-se bem, sentindo-se logo irmão do poeta nas suas maguas de amôr.

*Volutas* contém versos em francez, em bom francez.

Algumas pessôas se irritam um pouco com esse capricho de certos poetas nossos, de procurarem em estranho idioma uma nova expressão para os seus devaneios. «Que diabo! — dizem — o portuguez é tão rico, tão bello! Escrevam em portuguez! Isso é pedantismo.»

Não é pedantismo. Póde ser capricho, toleravel, quando os versos são escriptos, na verdade, em francez, e quando são bons. A arte, de qualquer forma que se revista, sendo bella, não póde nunca ser acoimada de pedante. Vão censurar um pianista compositor porque elle compõe para o violino, ou para a flauta. Não é nenhum destes o seu instrumento, mas elle os ama tambem, e os conhece sufficientemente.

O francez é uma lingua encantadora pela sua graça e flexibilidade, e é um verdadeiro prazer para os versejadores, quando a pôdem manejar com correcção, exprimir nella umas tantas coisas que nos vêem á mente, e que acodem muito melhor ao verso francez, que ao portuguez.

Leiam estas deliciosas quadras do sr. Raymundo Monteiro:

O glaneuse solitaire,  
Pâle fille aux gestes las,  
Tu ne sauras jamais plaire  
Qu'aux fins rêveurs délicats!

Les paysans ne se grisent  
Des feux dorés du Couchant:  
Il leur faut la bière grise,  
Des verres pleins, débordants!

Et comme je suis poète,  
Vierge au sourire lointain!  
Pour ta tendresse discrète  
J'apporte mon cœur chagrin!

L'âpre sentier de la vie  
Tous deux, nous le gravirons:  
Toi, plus mignonne et jolie,  
Moi, en rimant des chansons!

Essa canção foi evidentemente sentida e pensada em francez, se não foi acaso feita em França. Em portuguez não teria a mesma suavidade de payzagem de Millet.

A estréa do sr. Raymundo Monteiro, se não o colloca immediatamente no grupo dos poetas em evidencia, porque á sua inspiração ainda falta o vôo largo e firme, a visão funda, a capacidade de grandes creações, é uma excellente estréa, muitissimo superior ás duzias de livrinhos de poetas que nestes ultimos mezes tem aberto o curto vôo em a nossa litteratura. A sua qualidade estimavel predominante é a ternura, o abandono, a descuidada sinceridade com que procura exprimir o seu estado d'alma.

A edição das *Volutas*, saída das officinas dos *Annaes*, faz-nos, pela elegancia e sobriedade, deslembrar um pouco da mania das capas illustradas.

L. B.

Os processos criminaes e a  
sugestão

A prova testemunhal nos grandes processos é dominada, do principio ao fim, pelo perigo da suggestão, quer individual, quer collectiva. Não ha quem seriamente possa contestar esta proposição quasi axiomática. E, tambem, nos processos insignificantes o phenomeno não deixa de ser frequente. Em regra, o ponto de partida para toda pesquisação policial e para toda instrucção criminal (ainda mesmo nos paizes em que isso se pratica com relativa competencia) é uma *auto-sugestão*, que, desde o inicio, domina o encarregado das diligencias previas ou o juiz instructor. A convicção que se lhe installa no cerebro, com a tenacidade empolgante de idéa fixa, orienta os interrogatorios, inspira as buscas, fornece explicações para as circumstancias mais inexpressivas, dá vibração e movimenta os factos menos vivos, modalisa, finalmente, o coujuncto de todo trabalho policial ou judicial. Na origem de gravissimos erros judiciarios, o que se encontra de mais evidente é essa convicção *previa de criminalidade*, essa auto-sugestão, que monopolisa toda a actividade mental do magistrado e o torna cego ás advertencias da razão e do bom senso.

Mais de uma vez a justiça tem reconhecido a realidade desse lamentavel phenomeno. E' de 1832 o processo Benoit. Deu-se na França, (Ardenes).

Fôra assassinada mme. Benoit, mulher de um juiz de paz. O magistrado instructor, convencido da criminalidade de um tal Labaune, dirigiu o processo nesse sentido, descuidando

indícios vehementes que apontavam outro criminoso. O acusado sómente se salvou pelo voto de Minerva, a custo obtido no jury. Entretanto, bem cedo se demonstrou que o verdadeiro assassino era filho da victima. O representante da Justiça Publica, accusando este ultimo, confessava que o juiz da instrucção, perturbado pela atrocidade do delicto, se *entregára a illusões, se affastára da verdade*, não cumprindo seu dever, deixando de realisar diligencias importantes e imprescindiveis, que o levariam a descobrir o criminoso.

Bem facil é perceber a maneira pela qual teria dirigido a inquirição das testemunhas esse juiz que estava, por sua parte, auto-suggestionado a tal ponto.

A universalidade dos psychologos modernos e dos hypnologos deixa fóra de duvida que, na producção do «falso testemunho inconsciente», entra, como factor principal, o phenomeno da suggestão, manifestando-se na ausencia de qualquer manobra hypnotica, em estado de vigilia, agindo em pessoas sans e adultas. No regimen do «processo criminal secreto» — que só desde algum tempo váe sendo abandonado na culta Europa — é naturalmente mais decisiva a influencia da opinião do magistrado no depoimento da testemunha.

Entretanto, nos paizes em que, como no nosso, se admite intervenção de defeza desde a instrucção criminal, não deixa de ser observada a mesma influencia, que, pelo menos, é palpavel nos inqueritos policiaes, quasi todos urdidos em segredo ou dirigidos por modos pouco liberaes e nada imparciaes. Demais, quando o testemunho não seja viciado directamente pela convicção pessoal do juiz que inquire, ahí temos a imprensa, com seus methodos de alta reportagem moderna, dominada pela febre da publicidade intensiva, que se constitue a maior de todas as suggestionadoras, a mais energica das forças que podem impulsionar a idéação collectiva. Pouco valem as precauções das leis processuaes, determinando, em todos os paizes civilizados, que cada uma testemunha deponha separadamente, não sendo ouvida pelas que ainda vão depôr. Essa cautelosa prescripção legal é illudida pelo systema dos jornaes diarios, que porfiam em dar, com minuciosidades e pormenores, os depoimentos das testemunhas que figuram nos grandes processos criminaes. De maneira que á *convicção orientada* do juiz se sobre põe a influencia perturbadora da imprensa, ajudando, sem o querer, o falso testemunho inconsciente.

Mas, voltemos ao gabinete do juiz do crime e vejamos como, em regra, as coisas se passam, entre elle, o

accusado e a testemunha. Seja o processo secreto, seja publico, uma circumstancia impressiona, desde logo, os amigos da Verdade e da Justiça: é a situação creada ao acusado, desde o principio do inquerito ou da formação da culpa.

A lei e a doutrina querem que se lhe presuma a innocencia. «A suspeita é a justiça das paixões. O crime é a presumpção *juris et de jure*, a presumpção contra a qual não se tolera defeza, nas sociedades opprimidas e acovardadas.

Nas sociedades regidas segundo a lei, a presumpção universal é, ao revez, a de innocencia».

O respeitavel publicista, de quem tomámos estes ultimos periodos, traduziu do constitucionalista norte-americano Cooley estes outros: «A humanidade do nosso direito presume sempre innocente o acusado, até que se lhe prove o crime. Essa presumpção acompanha todo o processo contra elle, desde o principio da acção da Justiça até o veredictum».

O mesmo vem dizendo, ha seculos, os tratadistas da prova, desde o velho Farinacio até Frammarino, passando pelo luso Mello Freire, pelo teutonico Mittermaier e pelo franco Bonnier. A verdade, na pratica judiciaria, é, não obstante, mui differente.

O principio justissimo da presumpção da innocencia cede á prevenção da gente da Policia e da gente da Magistratura, que enxerga em todo accusado um criminoso e o trata, desde logo, como tal.

Não fazem excepção a esta regra as policias e as justiças dos paizes mais cultos, apenas sendo licito suspeitar que, na Inglaterra, é possível, attentas a maneira do processo criminal e a organização da magistratura, dizer-se um tanto respeitada a presumpção da innocencia.

A frequencia de *prisões preventivas* é uma das demonstrações mais frisantes de que se presume, na Magistratura, a culpabilidade.

Em regra, como observaram Lailier e Vonoven, (1) o juiz começa por mandar prender o acusado, quando, mesmo, seu crime não é flagrante.

Porque? *Para evitar que elle escape ao cumprimento da pena* — ensina o provector Faustin Hélie.

Sendo assim, claro está que já se «presume a criminalidade» que sancionará a condemnação.

E o tempo da prisão preventiva se parece tanto com uma pena que é mandado contar no cumprimento da pena, pelas legislações mais modernas..

A' testemunha se apresenta o homem preso collocado entre dois guardas. E' esse o criminoso que ella deve *reconhecer*. Francamente: haverá suggestão mais perfeita e acabada?

A isto se póde, com verdade, chamar *reconhecimento*?

O juiz indica a uma pobre creatura timida e respeitosa o «malfeitor» que elle tem já recolhido á prisão (*para que não fuja á execução da sentença*). Pergunta, então, á vacillante testemunha si é de facto aquelle de quem fallou ou que lhe pareceu ter visto em tal ou qual situação.

A' testemunha se afigura, sem duvida, que a Justiça, uma vez que guarda o homem preso, uma vez que o accusa, tem para isso razões muito fortes.

Pouco custa murmurar, portanto, e muitas vezes quasi sem encarar o acusado, ser elle a pessoa que praticou o acto criminoso.

Esses reconhecimentos faceis têm motivado innumerados erros judiciais, dos quaes uma grande parte vem relatada na preciosa monographia de Lailier e Vonoven. E quaes são, segundo estes auctores, as causas dessas tremendas confusões de physionomias? A *suggestão* e a allucinação. Aqui, exerce influencia mais forte a *suggestão collectiva*.

Não ha quem ignore o caso, apurado pelos tribunaes, do intrujão que se apresentou em uma aldeia, dando-se pelo marido, desde muito ausente, de certa dama e conseguindo exercer os direitos do outro e augmentar a familia. Chega o outro, reclama seu logar; divide-se a população da aldeia, não querendo toda gente reconhecer nelle o verdadeiro marido, resultando dahi terrivel contenda judiciaria que durou mais de dez annos, antes que fôsse confundido o impostor. O exemplo é classico e foi acolhido na obra já citada de Frammarino. No *Intermediaire des chercheurs et des curieux*, (1890, pag. 620) um desembargador de Montpellier conta uma historia não menos expressiva.

Appareceu uma mulher assassinada, cortada em pedaços. A cabeça estava intacta. Fôra collocada em um vidro com alcool. Desfilaram diante do sinistro despojo dezenas de testemunhas, que *collectivamente suggestionadas*, reconheceram na victima uma pessoa que designaram, recaído suspeitas, por motivo *deste reconhecimento*; em certos individuos. No correr dos debates, rebentou como uma bomba a noticia, logo confirmada, de que aquella supposta victima acabava de se apresentar ás auctoridades de um departamento visinho!

Aquillo que nem todo pintor póde, com exactidão, realisar — a reproducção de uma imagem, entrevista de relance — se opera, como por milagre, nos cerebros de faceis testemunhas, que reconhecem, dias ou mezes depois, uma pessoa que apenas viram uma vez, e no momento cheio de an-

cia e perturbação emocional em que se commetteu um crime...

E' indubitavel que para o reconhecimento do accusado contribúe, em muitos casos, a suggestão resultante da situação que a Justiça estabelece, desde logo, para aquelle de quem suspeita e cuja criminalidade presume contra os sabios conselhos da bôa doutrina.

..... ..  
Estudaremos depois, a alteração dos depoimentos pela inconsciente suggestão.

EVARISTO DE MORAES.

(1) *Les Erreurs Judiciaires*, 1897.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

MICROBIOS NA MOÉDA — A DECLARAÇÃO DO DIRECTOR DO SERVIÇO SANITARIO DE NEW-YORK — EXPLOSÕES DE MASSOS DE PAPEL-MOÉDA.

Referindo o invencivel horror da rainha Alexandra ás moédas, notámos, nesta secção dos *Annaes*, os perigos do contagio de molestias infecciosas por meio de moédas.

O dr. Thomaz Darlington, director do serviço sanitario de New York, ha muito tempo consagrado ao estudo da transmissão de molestias pelas moédas papel e metallica, declarou á commissão de bancos da camara dos representantes, em Washington, que era de summo interesse da saúde publica, serem as notas de banco, velhas e sujas, retiradas da circulação o mais breve possivel.

O dr. William Parker, do hospital W Parker, fez numerosas e exhaustivas investigações, pacientes experiencias, e verificou que, nas notas de banco, varios bacillos, entre os quaes o da diphtheria, se poderiam conservar durante muito tempo.

Essas observações téem summa importancia para nós, si considerarmos que, não existindo na circulação moéda fraccionaria de prata, suppremlhes a falta as notas de 500, 1000, 2000 e 5000 réis, atravessando, rapidamente, as mais baixas camadas sociaes, onde a pobreza, a carencia de cuidados hygienicos, de tratamento regular favorecem o desenvolvimento e a permanencia das molestias infecciosas.

Essas notas, immundas, denegridas, gordurosas, fedorentas, inspiram instinctiva repugnancia. Não fôra o empolgante prestigio do dinheiro, ninguem guardaria, na algibeira, um desses trapos nojentos, denunciando a lubrificação de sanie de velhas pustulas ignoradas, trapos que recebemos como troco em toda a parte, principalmente nos bondes,

que parece terem o privilegio do dinheiro sujo.

Essas notas de pequeno valor são sempre contadas com dedos humedecidos de saliva, accrescentando, assim, aos perigos dos contactos da pelle, o contagio dos microbios das boccas de cancerosos, de pneumonicos, de tuberculosos.

Nenhum paiz do mundo conserva na sua circulação notas tão sujas, quanto as que substitúem, entre nós, a moéda fraccionaria. Quando se encineravam, nas fornalhas da Alfandega, pequenos massos dessas notas gordurosas — explodiam ou produziam o effeito de fachos, de grande poder illuminativo.

O remedio contra esse instrumento de contagio, seria a substituição das notas sujas, logo que voltassem ao Thesouro, mas isso seria contrario á exploração proveniente do recolhimento, que dá um lucro regular de 20 %, de descontos de notas impresentaveis.

O recolhimento normal e periodico não satisfaz ás cautelas hygienicas, é lento e insignificante, como demonstra o recolhimento de notas em numero de 1.850.029, incineradas de dezembro do anno passado a março ultimo, no valor de 27.284.400\$000 réis, algumas gottas d'agua no mar de papel-moéda.

## FÓRA DO RIO

(CHRONICA DE VERÃO)

A difficuldade que se tem para escrever quando se decidiu ficar trez semanas ou quatro a passear debaixo de grandes arvoredos, a beber aguas mineraes, num clima de altitude bom á saúde, afastado de preoccupações cariócas; sem os telegrammas da *Agencia Havas* e o serviço telegraphico particular do *Jornal do Commercio*, pela manhã; sem quotidianos fartos de noticias universaes; sem antes do almoço e do jantar, o pezadello da guerra russo-japoneza!

O aborrecimento que se sente em fazer artigos quando se resolveu ficar por algum tempo entre o quarto, a fonte e a alea de passeio predilecto; os olhos contemplativos deitados sobre a payzagem, reclinados sobre os correios murmurantes ou enlevados pela belleza do céu; a bocca simples, no falar; o coração primitivo, no sentir!

A penna emperra no papel o mais setinoso.

Tem-se apenas o desejo de enviar aos amigos alguma coisa que demonstre lembrança e saudade, alguns cartões-postaes laconicos; uma phrase, a assignatura, a data, sobre cada uma das gravuras banaes, compradas, quasi

sem escolha, no bazar mais proximo.

Liquida-se esta tarefa em poucos minutos, satisfazendo-se ás inspirações do proprio coração, sempre insaciavel de commuicação com outros corações, lastimando-se não ser já o telegrapho sem fio uma coisa muito simples, de uso facil.

Ao empurrar os cartões na fenda da caixa do correio, sente-se não se haver trazido os amigos, e as confeitarias, os cafés, os clubs, os theatros, e o «boulevard» (\*)—dentro da mala.

Evitava-se a massada da correspondencia, a nostalgia, a saudade.

Escrever-se uma carta circumstanciada, reproduzindo notas escriptas a lapis, narrando a fadiga da viagem e o allivio da chegada, indagando em minucia dos amigos, pormenorizando incidentes da estadia, é difficillimo. Não escrevi nenhuma desse genero a ninguem.

Depois de uma remessa de cartões, passados dias, recebidas as respostas, achei que devia escrever mais.

Tive uma idéa util. Escreveria a todos de uma vez. O semanario em que saem estas linhas, lido por quasi todos os meus amigos, seria a postar restante, em que elles poderiam vir buscar noticias minhas.

Mandei, portanto, para aqui umas cincoenta phrases, uma *Carta de Caxambú*, descrevendo o passar rapidissimo do trem de ferro entre barrancas e valles, a ascensão quasi insensivel de oitocentos e tantos metros acima do nivel do mar; suggestões de payzagens, viajantes e estações. Contei sómente a viagem e terminei o que escrevi, refririndo-me ao atrazo de vinte minutos com que cheguei a Caxambú. Como para aquella carta não podia esperar resposta, quiz mandar outra. Em vão tentei escrevel-a. A ociosidade ambiente empolgava-me, eliminava-me as bôas intenções.

Um dia sentei-me á mezinha de escrever que havia no meu quarto de dormir, com o proposito de redigir nova carta, mandando abraços e noticias. Muni-me de uma grande porção de adjectivos elogiosos para enumerar os encantos do pequeno Caxambú; de uma intransigente severidade contra os *firts*, inimigos da efficacia das aguas milagreiras em tantas curas bem encaminhadas que elles estragaram a minha vista; de um sello de duzentos réis para o porte postal; de uma envelope e de uma folha de papel, com o letreiro do hotel, para reclamo ao Lourenço.

E nada. Guardei toda essa munición abundante nas duas gavetinhas da meza e. desertando o quarto que me servia de dormitorio, *toilette* e gabinete de estudo, fui para o largo corredor do hotel sentar-me numa ca-

(\*) A rua do Ouvidor.

deira de vime, a ler o segundo tomo de um infindavel romance de Carlos Dickens, vertido do inglez para o francez, numa dessas brochuras de capa de côr de tijolo, que a casa Hachette vende a um franco, o volume.

Não perderam nada por isso. Eu pretendia dizer como passava todos aquelles dias sem fazer nada, a não ser melhorar de saúde, pelo effeito prodigioso das fontes medicinaes do Parque da Empresa.

Hoje, a pedido, reúno recordações e mal alinhavo este artiguete, a que estou dando aqui e allí um tom blagueforme, apropriado ás notas fugitivas da impressão pessoal no periodismo superficial e gracejador, que se váe impondo entre nós, por influencia dos diarios francezes.

Quero dizer uma cousa essencial aqui.

Caxambú é, ao contrario do que se pensa no Rio de Janeiro, bem selvagem, infinitamente selvagem, graças a Deus, ao governo de Minas e ao governo federal. O *touriste* que leva um caderninho de papel para notas diarias, enche-o lá, sem duvida alguma, de diatribes e horrores, senão contra Deus, que já fez muito dando a Caxambú a sua esplendida natureza e as suas fontes sem rivaes, ao menos contra agente que governa em Bello-Horizonte e no Rio. E' por certo, digno de clamor o desleixo que allí reina, o menospreço daquelle admiravel thezouro de saúde, que é aquella villasinha abandonada a si mesma, na pujança das suas riquezas, no alto da Mantiqueira.

Enraivece mesmo aos mais pacatos e menos intelligentes, e mesmo aos menos civilizados, a incuria a respeito de Caxambú, que bem merece ser, pelo valor inestimavel das suas aguas: magnesianas, gazosa, ferrea, sulfurosa e alcalina, uma das mais frequentadas e bellas cidades d'aguas da America e do mundo.

O atrazo lá é immenso. Milhares de coisas ha que se póde dizer que se não encontram, milhares dessas coisas indispensaveis ao conforto e á calma dum homem moderno, exigente por atavismo, por solidariedade de civilização occidental, por habitos de vida em grandes centros urbanos.

Mas o paiz em que habitamos e que com tanta ineptia colonizamos e civilizamos, não merece recriminações *amargas*, sobretudo neste momento em que acaba de tratar dos assucars na conferencia do Recife. A Providencia protege o Brazil, contra o amargor do seu café e a violencia dos seus jornalistas. Collocou no porto do Rio de Janeiro, onde se concentra grande parte do café brasileiro... o Pão de Assucar; e ao lado do travo das verinas de imprensa, a impassibilidade dos dirigentes, que devoram a nação, preferindo em materia de doce, os bons-bocados...

Em França, onde a iniciativa particular é incomparavel com a do Brazil, o Estado possúe, além do monopolio do tabaco e das manufacturas de gobelinos e de porcellanas, o esplendido estabelecimento de Vichy, cujas aguas mineraes véem fazer concorrência ás nossas, em toda a parte do Brazil. O Estado aqui é fakirisado; inutil para soccorrer o progresso nacional, na sua ancia de expansão.

Os veranistas e os doentes que vão em setembro, outubro, março e abril a Caxambú, apóz uma semana, quinze dias ou um mez, voltam de lá para o Rio ou S. Paulo, os primeiros, mais repousados dos nervos, e os segundos, quasi sempre curados, sem de nenhum modo manifestarem nas duas capitães do sul, as necessidades daquelle cidadezinha, que lhes foi tão util e hospitaleira.

Os veranistas!

Elles nem ao menos protestam contra essa mal-sonante denominação de *aquaticos* e *aquaticas*, de que gozam, quando constituem nos mezes citados, quando estão no uso das aguas, a população fluctuante (\*) de Caxambú, sujeitando-se a esse insulto, sem reacção nenhuma.

Os aquaticos!

E' dizer-se que, logicamente, um homem de bom gosto, de bom gosto romantico, não póde comparar naquella terra, uma moça a uma flôr, porque se lembrará logo, por associação de idéas, de que ella ficará sendo uma flôr-aquatica!...

JOAQUIM VIANNA.

(\*) Sem calemburgo.

## APONTAMENTOS

PARA UM DICCIONARIO DE CELEBRIDADES

RODRIGUES ALVES (Francisco de Paula) natural de S. Paulo, bacharel em direito. Sabe ler e escrever, predicados que ainda se tornam indispensaveis ao cargo de presidente desta Republica, que é aquella que o eminente estadista republicano sonhou, nos bons tempos de juvenil exaltação democratica. E' o terceiro da série dos Naturalmente Indicados, que a uberdade da terra rôxa tem dado á luz, para maior grandeza da Patria. O livre povo brasileiro, em formidavel massa de seiscentos mil votos, accorreu um dia ás urnas, e foi buscar ás suas plantações esse pacifico e honesto fazendeiro, novo Washington, e ergueu-o ás altitudes vertiginosas da Presidencia, á qual o glorioso Caipira se apegou, sinceramente convicto da realidade daquelle centenas de mil eleitores, e da sua propria capacidade indiscutivel. Esse notavel descendente dos Bandeirantes ama com extremo o Brazil, talvez

tanto quanto ama S. Paulo, e no lugar proeminente, aonde o levou a Vontade Nacional (Vide as quatro mil actas, lindamente calligraphadas) envida heroicos esforços para felicitar a Patria, rebelde creatura, que não ouve os dictames do seu Conselheiro, nem comprehende que a sua felicidade consiste em deixar-se arrastar docemente pela Fatalidade, pois nada póde obstar o futuro maravilhoso do Brazil. Deus é grande

\* \* \*

PEDERNEIRAS (Raul), unico caricaturista genuinamente brasileiro, fundador da caricatura nacional, e creador dos typos inimitaveis de mulatas e capadocios cariocas. Em seu lapis despertou o genio embryonario dos gavroches fluminenses que, — verdadeiros primitivos d'Arte Indigena — illustram a carvão os muros e oitões desta grande cidade...

O sr. Pederneiras é irmão de notavel poeta, poeta elle proprio, e a sua lyra, como o seu lapis, é afinado em tom de satyra levemente perversa, que a gente perdôa, por mais que moleste.

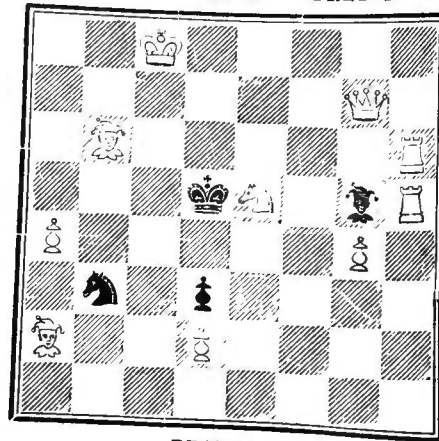
Não são as suas rimas que o tornam celebre e merecedor de uma pagina deste raro Diccionario; mas sim o seu grande talento de *charge* e o seu amor, digo doença dos trocadilhos e calembours. Neste genero, o sr. Pederneiras é primoroso, portanto detestavel, mas o artista é tão illustre e tão querido, que nós todos fingimos gostar das suas terriveis invenções syllabicas. Entretanto, é elle o mestre de uma escola que contém milhares de discipulos; e ha por ali quem aprecie mais o fabricante de *jeux de mots* que o artista encantador e inspirado das *scenas da vida carioca*.

Nós, biographo consciencioso e lido por toda uma geração, consagramos o artista, o poeta, o professor de direito, até mesmo o ex-delegado de policia, mas não perdoamos (a Historia é inflexivel) o homem dos calembours.

PEDRO INNOCENCIO.

## DIVERSÕES

Problema n. 22 — PRETAS



BRANCAS

As brancas jogam, e dão mate em trez lances.